



INSTITUTO POLITÉCNICO DE COIMBRA

Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra

**O Nível de Literacia Financeira entre os Estudantes do Ensino
Superior em Portugal**

Dissertação de Mestrado em Análise Financeira /4.ª edição

Vânia Camila Santos Pires

Orientadora: Dra. Ana Paula Santos Quelhas

Coimbra, Novembro de 2014

ÍNDICE

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	5
Abstract.....	6
Lista de Tabelas.....	7
Lista de Ilustrações.....	8
Lista de Siglas.....	9
Introdução.....	10
CAPÍTULO 1 - A Literacia Financeira na Literatura.....	13
1.1. Acepções de literacia financeira.....	13
1.2.Determinantes da literacia financeira.....	15
1.2.1. Nível de rendimento.....	15
1.2.2. Nível de escolaridade.....	16
1.2.3. Área de escolaridade.....	18
1.2.4. Idade.....	20
1.2.5. Género.....	21
1.2.6. Experiência profissional.....	22
1.2.7. Motivação.....	23
1.2.8. Outros Factores.....	24
1.3.Relevância da literacia financeira.....	25
1.3.1. A relevância da literacia financeira na sociedade.....	26
1.3.2. A relevância da literacia financeira no consumidor.....	27
CAPÍTULO 2 - A Literacia Financeira em Portugal.....	29

2.1. Considerações iniciais.....	29
2.2. Estudos prévios.....	29
2.3. O estudo empírico.....	30
2.4. Nível de experiência financeira dos inquiridos.....	38
2.5. Mensuração da literacia financeira.....	40
CAPÍTULO 3 - Determinantes da Literacia Financeira dos Estudantes do Ensino Superior em Portugal.....	44
3.1. Impacto dos determinantes na literacia financeira.....	44
3.1.1. As hipóteses de trabalho.....	45
3.1.2. O modelo.....	46
3.1.3. Análise dos Resultados do Modelo de Regressão Linear Múltipla.....	55
3.2 Medidas de combate à iliteracia financeira.....	58
Conclusões e Perspectivas.....	63
Bibliografia.....	66
Apêndices.....	72
Apêndice 1 – Carta de Apresentação.....	73
Apêndice 2 – Lista de Escolas de Ensino Superior.....	74
Apêndice 3 – Nível de Literacia nos Estudantes Universitário em Portugal.....	79
Apêndice 4 – Resumo de Respostas ao questionário.....	86
Apêndice 5 – Testes.....	101
Apêndice 6 – Relação entre variáveis.....	107

Agradecimentos

A realização desta dissertação marca o fim de uma importante etapa da minha vida. Gostaria de manifestar os meus sinceros agradecimentos a todos os que, directa ou indirectamente, contribuíram para a sua concretização.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora da dissertação, Dra. Ana Paula Quelhas, por toda a disponibilidade, atenção, conhecimentos transmitidos e auxílio prestados ao longo da realização do trabalho.

Ao Vítor Rosa, pelas palavras de incentivo, pela disponibilidade revelada em todos os momentos e pela prontidão com que sempre me auxiliou. Mesmo estando ocupado com o seu trabalho, nunca se coibiu de me ajudar.

A todos meus amigos, em especial à Catarina, à Sara e ao Rafael, pelo apoio, carinho, força e motivação que me dedicaram ao longo do meu percurso académico.

A todos os meus colegas de trabalho, e em especial à Doutora Luísa, por toda a prontidão em me ajudar e toda a preocupação que sempre mostrou para comigo.

Aos inquiridos que participaram neste estudo, sem os quais este trabalho não teria sido possível.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

E, por fim e em especial, aos meus Pais, por me terem dado a oportunidade de estudar, por todos os seus sacrifícios e por me apoiarem e motivarem a atingir os meus objectivos.

Resumo

A literacia financeira é um tópico que tem ganho acuidade no passado recente, principalmente após a crise financeira global.

O presente trabalho move-se entre dois objectivos essenciais: 1) mensurar o nível de literacia financeira dos jovens que frequentam o ensino superior em Portugal; 2) averiguar quais são os determinantes que explicam o nível de literacia financeira apurado.

Em termos metodológicos, optou-se pela elaboração de um inquérito por questionário, enviado para as instituições de ensino superior nacionais, composto por questões que procuravam estabelecer o perfil, a experiência financeira e os conhecimentos financeiros dos inquiridos.

Foram obtidas 550 respostas, que permitiram evidenciar o reduzido nível de literacia financeira da amostra, ao mesmo tempo que a idade e o nível de rendimento do agregado familiar variam positivamente com o nível de conhecimento financeiro dos inquiridos. Observou-se ainda que os indivíduos com formação na área das ciências empresariais tendem a revelar um nível mais elevado de conhecimento financeiro, o mesmo sucedendo com os inquiridos do género feminino, sendo que este último resultado contraria o entendimento presente na literatura.

Palavras-Chave: literacia financeira, educação financeira, estudantes universitários, taxa de juro, risco.

Abstract

Financial literacy is a topic that has lately gained acuity, mainly in the aftermath of the global financial crisis.

This work is committed with two main goals: 1) to measure the level of financial literacy of the Portuguese students attending higher education programs; 2) to clarify the issues that may explain the level of financial literacy previously obtained.

As for methodology is concern, a questionnaire was sent to the national higher education institutions. The questions were drawn to establish the profile, the financial experience and the financial knowledge of the respondents.

In this study, 550 were received, which highlighted the low level of financial literacy within the sample. Age and the level of household income of the respondents is positively correlated with the financial literacy of respondents. It was also observed that individuals whose attending programs in business sciences tend to reveal a higher level of financial literacy, as well do the women in the sample. The latter result is not in line with the current understanding widespread in the literature.

Keywords: financial literacy, financial education, university students, interest rate, risk

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Perfil demográfico do inquirido

Tabela 2 - Perfil geográfico do inquirido

Tabela 3 - Perfil de formação do inquirido

Tabela 4 - Perfil socio-económico do inquirido

Tabela 5 - Produtos financeiros detidos pelos inquiridos

Tabela 6 - Tipologias de crédito recorridas

Tabela 7 - Nível de qualificação da literacia financeira

Tabela 8 - Resultados à questão sobre o Risco de Produtos Financeiros

Tabela 9 - Nível de Literacia Financeira dos Inquiridos

Tabela 10 - Descrição das Variáveis Independentes

Tabela 11 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Rendimento

Tabela 12 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Área de Formação

Tabela 13 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Habilitações Literárias (Pai)

Tabela 14 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Habilitações Literárias (Mãe)

Tabela 15 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Idade

Tabela 16 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Género

Tabela 17 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Crédito

Tabela 18 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Poupança

Tabela 19 – Modelo de Regressão Linear Múltipla

Tabela 20 - Tabela Anova - Modelo do Regressão Linear

Tabela 21 - Modelo de Regressão Linear: Tabela de Coeficientes

Lista de Ilustrações

Ilustração 1 - Número de questionários recebidos ao longo do período de resposta

Ilustração 2 - Grau de Ensino

Ilustração 3 - Diagrama Explicativo do Modelo

Lista de Siglas

APB - Associação Portuguesa de Bancos

BP - Banco de Portugal

CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia

CMVM – Comissão do Mercado de Valores Mobiliários

DOLCETA - Developement of Online Consumer Education Tools for Adults

EUCEN - European Association for University Lifelong Learning

IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional

ISP – Instituto de Seguros de Portugal

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OECD - Organisation for Economic Co-operation and Development

Introdução

A tomada de decisão é um processo que afecta o presente e o futuro. A maioria das decisões de carácter financeiro são cada vez mais complexas e exigentes, onde é necessário mais que apenas intuição para realizar escolhas adequadas. Desta forma, a literacia financeira detida pelos indivíduos deve ser encarada como factor crucial na gestão da respectiva vida quotidiana de cada indivíduo, na vida colectiva da sociedade e no próprio desempenho económico das nações.

Na senda desta crescente preocupação, vários estudos têm sido conduzidos, tanto por académicos, como por organismos e entidades financeiras com o objectivo de aferir qual o nível de literacia financeira de populações diversas.

Desde logo, nas opiniões de Mandell e Klein (2009) e Grifoni e Messy (2012), Os indivíduos com mais competências financeiras podem tomar melhores decisões, para além de que esses comportamentos agregados terão consequências positivas na economia como um todo. Tendo em mente os objectivos que norteiam a presente dissertação – os quais apontaremos adiante –, destacamos, ainda o estudo conduzido por Chen e Volpe (1998), o qual se sustentou num grupo de 1800 estudantes universitários, de Faculdades públicas e privadas, dos estados da Califórnia, Flórida, Kentucky, Massachusetts, Ohio e Pensilvânia. O propósito dos autores era não só o de analisar o nível de literacia financeira deste grupo específico da população, mas também o de observar em que medida esse nível de literacia se relaciona com as características dos estudantes e qual o impacto com que o mesmo pondera nas suas opiniões e decisões. Chen e Volpe (1998) concluíram que os indivíduos que apresentavam maiores níveis de literacia financeira eram os indivíduos do género masculino, com idade inferior a 30 anos e com formação na área económica, embora com pouca experiência profissional.

Entre nós, de acordo com o Banco de Portugal, e atendendo à visão expressa no Relatório de Supervisão Comportamental de 2010, o contexto onde os indivíduos tomam as suas decisões financeiras tem vindo a sofrer alterações consideráveis com o decurso do tempo, mormente nos últimos anos. Tal deve-se às inovações tecnológicas, à crescente globalização e integração dos mercados financeiros, à evolução demográfica e *grosso modo* à conjuntura económica. Estes factores provocam influências variadas e interagem de forma diversa com os indivíduos, obrigando-os, contudo, a acompanharem o ritmo de evolução, de forma a poderem obter benefícios de forma contínua. Assim

sendo, o nível de literacia financeira que é exigido aos indivíduos para tomarem as suas decisões de forma adequada e atida aumentou de modo considerável no passado recente.

No presente, não obstante o facto de o nível de escolaridade dos cidadãos ser cada vez mais elevado, estes evidenciam, no geral, um nível baixo de conhecimentos na área financeira, sendo este facto normalmente designado por iliteracia financeira. Apesar das múltiplas conceptualizações de que a literacia financeira é alvo, tal como teremos ocasião de assinalar adiante, esta corresponde, em termos genéricos, à capacidade que um indivíduo tem de compreender a informação que lhe é disponibilizada, permitindo uma participação activa na sociedade actual, utilizando esse conhecimento com alguma destreza de forma a atingir objectivos tidos como benéficos.

A iliteracia financeira é muitas vezes entendida como um dos principais factores da exclusão social. Com efeito, quando um cidadão necessita de tomar decisões nesta área, geralmente recorre aos serviços bancários, colocando-se à mercê das entidades que prestam esse tipo de serviço.

O objectivo central da presente dissertação é o de avaliar o nível de literacia financeira dos jovens portugueses estudantes no ensino superior. Para além da aferição do nível de conhecimentos e da capacidade de interpretação da informação de carácter financeiro, procurar-se-á ainda averiguar quais os factos (ou factores) que lhes poderão estar associados ou, de outro modo, quais os determinantes da literacia financeira dos indivíduos que frequentam o ensino superior em Portugal.

A escolha desta temática foi motivada por um elenco de razões, as quais passamos a apontar. Em primeiro lugar, moveu-nos tanto a actualidade como a pertinência da problemática da literacia financeira em geral. Em segundo lugar, os jovens são agentes economicamente activos, os quais procedem a escolhas em momentos específicos no tempo, tornando-se pertinente avaliar quais os factores que influenciam as suas tomadas de decisão de investimento. Em terceiro lugar, a população em estudo compõe-se por futuros licenciados, os quais, à partida, terão um papel relevante no futuro da sociedade portuguesa, pois estarão mais propensos a tomar decisões importantes, logo a ter mais impacto no desenvolvimento da economia. Por fim, em caso de necessidade de desenho de programas de informação/consciencialização relativos a questões financeiras, as entidades competentes – mormente os organismos de supervisão – terão interesse em conhecer qual o ponto de partida, isto é, qual o nível de literacia deste grupo específico da

população, como quais as variáveis que é necessário mobilizar, isto é, quais as áreas onde a actuação se revela mais premente.

A dissertação inclui três Capítulos, para além de um ponto destinado a Conclusões e Perspectivas, encontrando-se estruturada do modo que segue.

No Capítulo 1, procede-se à revisão da literatura, sendo discutidos os principais tópicos que, em estudos prévios, são apresentados como determinantes da literacia financeira: nível de rendimento, nível de escolaridade, área de escolaridade, idade, género, experiência profissional, motivação e ainda um conjunto de outros factores com um carácter residual. Estes determinantes sustentam as questões de investigação que se irão colocar nos restantes Capítulos.

No Capítulo 2, descreve-se a metodologia utilizada – a do inquérito por questionário - para além de se apresentarem os principais resultados obtidos, de se analisar a experiência financeira dos inquiridos e de se proceder à mensuração da literacia financeira entre os indivíduos que frequentam o ensino superior em Portugal, com base num indicador que se propõe.

No Capítulo 3, formulam-se algumas questões de investigação presentes em outros trabalhos, desta feita aplicadas à população em estudo. Para além disso, avaliam-se as implicações dos resultados obtidos e tecem-se algumas considerações em torno de possíveis melhorias a introduzir.

Por fim, elencam-se as principais conclusões e traçam-se pistas de investigação futura.

De notar que a presente dissertação conta, ainda, com seis apêndices, nos quais se inclui informação relevante que concerne à realização do trabalho empírico.

Embora comungue com Chen e Volpe (1998) os objectivos de investigação, o presente texto recebeu o contributo de um elenco alargado de outras referências, para além de se focar numa população com características próprias, a qual configura, em nosso entendimento, a futura geração de investidores e empreendedores nacionais.

Acreditamos que o presente trabalho, para além de contribuir para o conhecimento da literacia financeira entre os indivíduos que frequentam o ensino superior em Portugal, permitirá fazer luz sobre a necessidade de os indivíduos terem um conhecimento, pelo menos satisfatório, dos produtos e dos serviços financeiros, bem como da complexidade que lhes está subjacente, de modo a poderem realizar escolhas esclarecidas e eficientes.

CAPÍTULO 1

A LITERACIA FINANCEIRA NA LITERATURA

1.1. Acepções de literacia financeira

A literacia financeira é, desde logo, um conceito relativo. Isto porque depende quer da complexidade do sistema económico-financeiro e dos produtos financeiros nele transaccionados, quer das necessidades e das circunstâncias de um determinado indivíduo. É por este emotivo que nos deparamos com múltiplas definições de literacia financeira, não havendo, contudo, uma definição formal que seja comumente aceite.

Uma das definições mais veiculadas de literacia financeira é a proposta por Schagem (1997), de acordo com a qual a literacia financeira é a capacidade inerente ao indivíduo de realizar julgamentos informados e de tomar decisões efectivas, tendo em vista a gestão do dinheiro.

Segundo Emmons (2005), a literacia financeira corresponde à capacidade de controlar os rendimentos a auferir comparativamente aos pagamentos a realizar, para além da detenção de um conjunto de conhecimentos financeiros básicos – tais como a forma de abertura de uma conta bancária, o modo de solicitação de um empréstimo e o modo de funcionamento dos seguros de vida e de saúde– e da aptidão para comparar produtos e serviços concorrentes e planear futuras necessidades financeiras.

Já para Mandell (2007), a literacia financeira traduz-se na capacidade de avaliar novos e complexos instrumentos financeiros e de tomar decisões informadas relativamente à sua selecção e utilização, de modo a melhor satisfazer os objectivos a longo prazo.

Por seu turno, de acordo com Huston (2010), o conceito de literacia financeira não deve ser confundido com a ideia de conhecimento financeiro. Desde logo, a primeira pode envolver duas dimensões: a da *compreensão*, que diz respeito ao conhecimento de conteúdos no domínio das finanças pessoais, e a *utilização*, a qual se refere à aplicação desses conteúdos ao nível das finanças pessoais. Desta sorte, segundo o autor, a literacia tem um espectro mais lato que o conhecimento financeiro, dado que

esta tem subjacente a capacidade de um indivíduo tomar decisões financeiras com base no conhecimento financeiro de que o mesmo é detentor.

A temática da tolerância dos investidores ao risco constitui um tópico transversal nos estudos conduzidos no domínio da literatura financeira. A literatura existente sugere que os indivíduos que se consideram investidores experientes¹, ou com maior conhecimento sobre as suas finanças pessoais, tendem a ser mais tolerantes ao risco², pois apresentam uma maior familiarização com os termos empregues no campo financeiro, tais como taxa de juro, inflação e retorno dos investimentos. Podemos, assim, reconhecer a existência de uma correlação positiva entre o grau de tolerância ao risco e o nível de literacia financeira dos indivíduos.

A maioria dos estudos mostra que os baixos níveis de literacia financeira tendem a influenciar fortemente o comportamento dos indivíduos. Por exemplo, segundo Lusardi e Mitchell (2006), a ausência de literacia financeira constitui uma forte barreira à participação dos indivíduos no mercado accionista, impedindo o investimento em activos mais complexos³. Também Rajamohan (2005), ao avaliar o impacto dos conhecimentos financeiros na composição das carteiras de investimento, concluiu que a posse de acções está positiva e significativamente correlacionada com o nível de conhecimentos financeiros dos indivíduos.

Entre nós, o estudo conduzido por Abreu e Mendes (2006) revelou que o nível de informação financeira é maior nos investidores portugueses que concluem um curso médio ou superior. Os autores sugerem, ainda, que os investidores individuais mais informados sobre os produtos financeiros, os intermediários financeiros e o modo de funcionamento do mercado estão em melhores condições para tomar decisões

¹O eventual excesso de confiança de alguns investidores constitui uma das heurísticas identificadas pelos paladinos das finanças comportamentais, podendo estas explicar algumas das anomalias que se observam nos mercados financeiros. Sem prejuízo do interesse inerente a esta problemática, ela não surge, contudo, tratada no contexto do presente trabalho.

²Cfr. Goldberg (1995) e Grable e Joo (1997).

³Segundo Lusardi e Mitchel (2006), o nível de literacia de financeira aporta consequências práticas ao nível da vida dos indivíduos, tais como a maior ou menor probabilidade de planearem a reforma de modo adequado e a maior ou menor probabilidade de optarem por empréstimos mais caros ao longo da sua vida.

financeiras adequadas, conseguindo, conseqüentemente, uma afectação intertemporal mais eficiente da sua riqueza.

1.2.Determinantes da literacia financeira

Alguns autores avaliaram quais os factores determinantes que contribuem para explicar os resultados obtidos nos testes à literacia financeira dos indivíduos⁴. Entre esses determinantes ponderam *variáveis relacionadas com as características pessoais*, tais como a idade, o género, a etnia, o nível de escolaridade, o rendimento e a formação académica, nomeadamente áreas da economia, das finanças ou da gestão, bem como outras *variáveis específicas, que dependem do tipo de população* em apreço, tais como os anos de experiência profissional, a filiação partidária ou o prestígio do estabelecimento de ensino frequentado (Koshal *et al.*, 2008).

Sistematizaremos, de seguida, alguns dos contributos mais relevantes em torno dos seguintes factores explicativos: nível de rendimento; nível de escolaridade; área de escolaridade; idade; género; experiência profissional; motivação. Incluiremos, ainda, um último tópico, destinado a factores residuais.

1.2.1. Nível de rendimento

A literatura evidencia uma relação positiva entre literacia financeira e o nível de rendimento dos indivíduos. Segundo vários estudos, existe um forte nível de alfabetização financeira entre as famílias cujos rendimentos são superiores à média da população. Por exemplo, em Itália, Monticone (2010) concluiu que a riqueza financeira tem uma influência positiva na literacia financeira. No mesmo sentido, o estudo de Lusardi e Mitchell (2007) mostra que o rendimento auferido está correlacionado com o nível de educação financeira dos indivíduos, ao mesmo tempo que as autoras

⁴Cfr. Walstad e Rebeck (2002) e Koshalet al. (2008).

consideram que os resultados do seu trabalho configuram um contributo de relevo para a investigação neste domínio⁵.

Monticone (2010) apresentou resultados que mostram que os indivíduos com maiores rendimentos, ou com maior poder financeiro, apresentam maior probabilidade de investir na aquisição de conhecimento, mormente de conhecimento financeiro, sugerindo, assim, que o nível de conhecimento financeiro varia positivamente com o nível de riqueza. No mesmo trabalho, sublinha a necessidade de reforçar a educação financeira, bem como o maior acesso a aconselhamento financeiro, e de fomentar a maior transmissão e transparência de informação por parte das instituições financeiras.

1.2.2. Nível de escolaridade

Coleman (2003) evidenciou a existência de uma relação positiva entre o nível de conhecimento financeiro e o nível de escolarização de um indivíduo, confirmando a ideia de que o nível de risco dos investimentos aumenta com o nível de formação dos seus detentores. Noutros trabalhos, este factor não se mostrou determinante (Halek e Eisenhauer, 2001) ou conclusivo (Faff *et al.*, 2003).

Apesar dos seus resultados não serem conclusivos, Faff *et al.* (2003) colocam, contudo, uma questão interessante, que resulta do facto de os indivíduos com maiores habilitações literárias terem, por norma, mais riqueza, sendo, por isso mesmo, mais propensos a recorrer a serviços de planeamento financeiro. Já Lusardi (2008) mostra que a cultura financeira se encontra mais concentrada em grupos demográficos específicos, entre os quais se incluem aqueles com baixos níveis de educação, contrariando, assim, o que fora evidenciado em estudos anteriores.

Mais tarde, um estudo conduzido por Lusardi *et al.* (2010), cujo objectivos é a literacia financeira entre os jovens utilizando os dados mais recentes do *National Longitudinal Survey of Youth* mostrou baixos níveis de literacia financeira, dado que

⁵De notar que Annamaria Lusardi e Olivia S. Mitchell são autoras de um elenco considerável de trabalhos no campo da literacia financeira, como por exemplo “Planning and Financial Literacy: How Do Women Fare?” (2008); “Financial Literacy and Financial Sophistication among Older Americans”(2009), entre muitos outros.

menos de um terço dos jovens adultos possui conhecimento básico sobre taxas de juro, inflação e diversificação do risco.

Neste estudo, a alfabetização financeira revelou, bem assim, estar fortemente relacionada com as características sociodemográficas dos indivíduos. Um homem com formação universitária, cujos pais possuem poupanças para a reforma, apresenta cerca de 45% de probabilidade de saber mais sobre diversificação do risco financeiro que uma mulher com o ensino secundário, cujos pais apresentam níveis médios de riqueza. Deste modo, os resultados deste estudo indicam que os níveis de escolaridade e de literacia financeira apresentam uma correlação forte e positiva, especialmente no caso dos indivíduos que frequentaram o ensino superior.

O trabalho de Mandell e Klein (2009) coloca-se na mesma senda de Lusardi *et al.* (2010), ao sustentar que os indivíduos com formação superior apresentam comportamentos financeiros próprios, associados a elevados níveis de literacia financeira. Esta nota positiva ao nível da literacia financeira, para os detentores de um curso superior, pode ser justificada pelo facto de esses indivíduos terem recebido educação adicional sobre finanças pessoais.

Geralmente, a importância da educação financeira é frequentemente valorizada quando a mesma se encontra ausente, isto é, nas consequências do facto de os indivíduos não serem portadores de formação financeira adequada. Alguns estudos apontam que os níveis crescentes de endividamento dos consumidores – ou até mesmo situações de insolvência – são, *grosso modo*, consequência dos baixos níveis de educação financeira. Embora poucos estudos mostrem a correlação entre o nível de educação financeira e os comportamentos de gestão financeira, um estudo realizado por Bernheim *et al.* (2001) mostrou que os indivíduos detentores de formação em áreas financeiras são mais propensos a ter altas taxas de poupança, maior nível de riqueza e maior retorno nos seus investimentos. O estudo concluiu que a educação financeira está associada a maiores taxas de poupança e a maior património líquido. De modo sintomático, os autores sublinham que «a educação pode ser uma poderosa ferramenta para estimular a poupança pessoal» (Bernheim *et al.*, 2001: 426).

Contudo, segundo Manton *et al.* (2006), num estudo para determinar o nível de conhecimentos financeiros de estudantes, de uma faculdade no Texas, do primeiro ano de estudos superiores na área das finanças e do comércio, as conclusões são que os

estudantes não possuem um nível adequado de conhecimentos financeiros, embora o estudo prove também que os próprios admitem essa falha.

Também Hanna *et al.* (2010), examinaram o nível de literacia financeira de estudantes de várias instituições de ensino, tendo por base os seus conhecimentos em termos de finanças pessoais, tendo aferido um baixo nível de literacia financeira em todas as escolas estudadas.

Em termos genéricos, a literatura reconhece a importância da avaliação dos níveis de literacia financeira, para que se possa promover a educação financeira e avaliara *posteriori* o impacto da mesma em termos nacionais (Atkinson & Messy, 2012). Esta avaliação possui um elevado interesse, pois permite a realização de comparações quer em termos diacrónicos, ao nível da mesma população, quer em termos sincrónicos ao nível de vários mercados e países.

Na sequência do exposto, podemos referir que o nível escolaridade é claramente um forte determinante da literacia financeira e que esse nível tem implicações consideráveis ao nível das estratégias de marketing a prosseguir pelas diversas empresas.

1.2.3. Área de escolaridade

Um estudo conduzido por Hogarth (2006) permitiu evidenciar que os indivíduos detentores de educação financeira, proveniente do ensino académico, tomam melhores decisões para as suas famílias, aumentando, assim, a sua segurança económica e o respectivo bem-estar.

Wood & Doyle (2002) referem que possuir formação universitária nas áreas de economia potencia uma relação positiva e significativa ao nível da literacia económica, concluindo que o simples facto de um indivíduo ter formação na área da economia permite-lhe obter uma pontuação média superior à dos restantes indivíduos.

Na mesma linha, Gleason e Scyoc (1995), Walstad e Rebeck (2002) e Koshal, Gupta, Goyal e Choudhary (2008) afirmam que possuir um curso na área das ciências económicas tem um efeito positivo ao nível da literacia económica, dado que os

indivíduos nestas circunstâncias apresentam maior conhecimento sobre economia e finanças.

Anteriormente, Walstad e Rebeck (1999) realizaram um estudo no qual pretendem aferir a percepção dos indivíduos adultos relativamente a questões económico-financeiras e ao funcionamento da economia em geral. Tendo por base uma amostra de dois grupos de indivíduos – um grupo composto por indivíduos com formação económica e outro por indivíduos sem formação económica –, os autores concluíram que os adultos que tiveram economia na sua formação académica apresentam níveis de literacia financeira mais elevados relativamente aos que não tiveram qualquer formação na área.

Por seu turno, Pang (2010) realizou uma análise onde foi ministrado um curso especializado para aumentar a literacia financeira dos estudantes do ensino secundário. O objectivo deste curso era o de conduzir os estudantes do ensino secundário à tomada de decisões financeiras informadas e independentes. Os resultados mostraram que os estudantes que frequentaram esse curso superaram aqueles que não frequentaram, tendo essa vantagem sido considerável.

Apesar das evidências apontadas, verifica-se, contudo, que não existe consenso na literatura financeira relativamente a este determinante. Neste sentido, Shipley e Shetty (2008) concluem que os alunos do ensino superior, que tiveram pelo menos um semestre de formação em economia, não têm uma *performance* significativamente melhor relativamente aos que não tiveram qualquer tipo de formação nesta área, tendo, para o efeito, sido testados conhecimentos de economia considerados básicos. No mesmo ano, Koshal, Gupta, Goyal e Choudhary (2008) concluíram que os alunos que tiveram pelo menos uma disciplina de economia no programa da sua formação apresentaram níveis de literacia mais baixos do que aqueles que não tiveram a disciplina. Ou seja, alunos com formação em economia têm menos conhecimentos económicos do que aqueles que não têm alguma formação na área.

Deste modo, não obstante o facto de alguns trabalhos apontarem em sentido contrário, a maioria da literatura existente sobre este factor conclui que a alfabetização financeira resulta, em grande medida, da formação académica dos indivíduos, especialmente no caso dos que estudaram economia (no ensino secundário e/ou faculdade). Isto é, apesar de a educação em economia poder necessitar de ser

melhorada, no que concerne à compreensão de conceitos económicos básicos e à sua aplicação em contexto real, os indivíduos com formação em economia são mais propensos a apresentarem níveis mais elevados de literacia financeira.

Do exposto resulta que será interessante comprovarmos neste estudo o que sucede aos alunos que, no caso nacional, tiveram formação na área financeira e económica, ou seja, avaliar se estes apresentam maior nível de literacia financeira relativamente aos provenientes das restantes áreas de formação.

1.2.4. Idade

Um dos determinantes mais utilizados na explicação da literacia financeira é a idade dos indivíduos, embora se possa afirmar que não existe consenso na literatura relativamente à sua relevância.

O estudo conduzido por Grimes, Millea e Thomas (2010) aponta que os indivíduos aprendem economia ao longo da vida, considerando assim a idade como um factor determinante da literacia económica.

No mesmo sentido, segundo Walstad e Rebeck (2002), é de esperar que pessoas com mais idade possuam maior conhecimento económico, comparativamente com as pessoas mais jovens, pelo simples facto de terem tido mais tempo e oportunidade para obterem conhecimentos relativamente ao modo de funcionamento da economia e do mercado financeiro.

Koshal, Gupta, Goyal & Choudhary (2008) verificam que a literacia económica dos estudantes de MBA também aumenta com a idade. Quanto a Walstad e Rebeck (2002) e Monticone (2010), observam que o perfil da idade relativamente ao conhecimento financeiro apresenta a forma côncava (U-invertido), isto é, adultos na meia-idade têm mais conhecimento financeiro do que os mais jovens e os mais velhos. Ambos os estudos concluíram que a literacia aumenta até a idade de 40-60 anos e depois declina, uma vez que as gerações mais velhas não foram expostas a serviços financeiros da complexidade actual, durante a sua juventude.

Lusardi, Mitchell & Curto (2009) focalizaram o seu interesse na apreciação da literacia financeira e da sofisticação financeira entre pessoas com mais de 55 anos. Este estudo concentrou-se neste grupo demográfico específico, uma vez que é um dos grupos que apresenta baixos níveis de literacia financeira, de acordo com estudos previamente efectuados. O trabalho de Lusardi, Mitchell & Curto (2009) permitiu concluir que as pessoas acima dos 55 anos demonstram falta de conhecimento das noções básicas da economia.

Ao invés, Wood e Doyle (2002) concluíram que a idade tem pouca relevância no nível de literacia financeira de cada indivíduo.

Assim, dada a ambiguidade existente na literatura relativamente a este determinante, será interessante observar o que sucede no caso nacional, ainda que a população sobre a qual incide o estudo empírico apresentado no Capítulo 2 seja primordialmente constituída por indivíduos jovens.

1.2.5. Género

Nos estudos existentes sobre literacia financeira um dos determinantes mais escrutinados é, sem dúvida, o género. Verifica-se, *grosso modo*, que existe uma diferença entre os graus de literacia financeira de tidos pelo género feminino e pelo género masculino, sendo que, na maioria das observações, essa diferença tende a privilegiar o género masculino. Deste modo, os indivíduos do género masculino têm um conhecimento económico maior e mais consistente relativamente à economia e aos instrumentos financeiros do que os indivíduos do género feminino.

Entre esses estudos, apontamos o conduzido por Atkinson *et al.* (2006). Tendo por base um conjunto de questões relacionadas com a área económico-financeira, este trabalho permitiu evidenciar que o nível de literacia financeira é superior nos homens comparativamente às mulheres.

Também para Wang (2011) os homens tendem a ser mais informados e activos na gestão do seu capital, sendo considerados mais capazes neste campo do que as mulheres. Com efeito, os investidores do género masculino tendem a procurar mais informação, e com maior frequência, não só acerca da economia num conjunto global

mas também informações específicas sobre produtos financeiros, podendo, desta forma obter maior e melhor conhecimento sobre como gerir as suas finanças.

O trabalho desenvolvido por Worthington (2006), tendo por base uma amostra composta por indivíduos residentes na Austrália, encontra-se em linha com esta aceção veiculada na literatura, uma vez que, sem prejuízo da presença de outros factores explicativos, permitiu evidenciar que o género feminino apresenta maior probabilidade de ter um nível reduzido de literacia financeira.

Em jeito de síntese, sustentamo-nos nos resultados avançados por Lusardi e Mitchell (2008). Partindo do pressuposto de que as mulheres são habitualmente caracterizadas por terem uma esperança média de vida⁶ superior à dos homens, mas que, no entanto, têm experiências de trabalho mais curtas⁷ e recebem menos rendimentos, conclui-se que o género feminino mostra níveis de literacia financeira muito baixos e que não revelam preocupação com o planeamento das suas finanças futuras. Uma vez que conhecimento financeiro e planeamento financeiro se encontram intimamente relacionados, o estudo mencionado conclui ainda que mulheres que apresentem níveis mais altos de literacia financeira têm maior probabilidade de planear e de terem sucesso no planeamento das suas economias futuras.

Na senda do exposto, poder-se-á avançar que o género é um forte determinante da literacia financeira.

1.2.6. Experiência profissional

Um outro factor analisado na literatura, quando se investiga o nível de conhecimento financeiro, é o da experiência no mercado de trabalho, verificando-se, na maioria dos estudos, que este determinante tem alguma influência na literacia financeira.

⁶ A esperança média de vida pode ser definida como o número médio de anos que uma pessoa à nascença pode esperar viver, mantendo-se as taxas de mortalidade por idades observadas no momento de referência. A este propósito, cfr. Quelhas (2010).

⁷ De notar que a presença feminina no mercado de trabalho foi recentemente afirmada, em particular na década de 1987 a 1996. Cfr. Quelhas (2001).

Entre esses estudos apontamos o artigo de Koshal, Gupta, Goyal e Choudhary (2008), onde é examinado o número de anos de experiência no mercado de trabalho. Do seu estudo, os autores concluíram que os ganhos de literacia financeira são acelerados pela experiência no mercado de trabalho.

Já o estudo de Monticone (2010) permitiu concluir que a situação profissional influencia o nível de conhecimentos financeiros dos indivíduos, dado que, nessa investigação, os indivíduos activos responderam acertadamente a maior número de questões do que os desempregados e os indivíduos que estão fora do mercado laboral.

Já Demirel e Gunay (2011) concluíram que os estudantes das áreas de economia e finanças não activos apresentam maior tendência para assumirem riscos financeiros, quando confrontados com decisões ao nível dos investimentos, comparativamente aos trabalhadores estudantes, tanto a tempo inteiro como a tempo parcial.

1.2.7. Motivação

Existem diversos estudos que intentam explicar a relação entre os determinantes inerentes à cultura ou mesmo a factores intrínsecos ao próprio indivíduo, os quais podem condicionar a variação dos níveis de literacia financeira. Para além disso, verifica-se ainda que questões relacionadas com a motivação dos indivíduos contribuem significativamente para as explicações dos resultados obtidos nestes estudos.

Tal sucede no estudo de Mandell e Klein (2007), onde se defende que o factor motivação tem de ser reconhecido como um dos principais impulsionadores do comportamento individual. Mandell & Klein (2007) focaram o seu estudo na hipótese de que os baixos níveis de literacia financeira apresentados pelos jovens adultos, mesmo tendo tirado um curso de finanças pessoais, se encontram relacionados com a falta de motivação por parte dos mesmos para aprender ou para reter conhecimentos.

O surgimento de novos produtos e o seu rápido desenvolvimento torna os serviços financeiros cada vez mais complexos. A literacia financeira envolve não só o conhecimento, compreensão e competências para lidar com as questões financeiras, mas também atributos não-cognitivos como a motivação. Desta forma, há necessidade de os

consumidores estarem predispostos a educar-se em termos financeiros, de modo a tomarem decisões mais informadas e conscientes.

Assume-se, desde logo, que a tomada de decisões mais informadas está directamente relacionada com a obtenção de melhores resultados, isto é, que o comportamento financeiro do consumidor decorre da sua motivação em obter os melhores resultados possíveis. Existem autores e estudos sobre teorias comportamentais que promovem, a partir de uma base teórica, explicações sobre as influências motivacionais subjacentes ao comportamento humano em função da expectativa ou utilidade. Contudo, torna-se bastante complexo prever com exactidão o comportamento dos indivíduos, tal como largamente sustentado pelos autores da *behavioural finance*⁸.

1.2.8. Outros Factores

Um outro conjunto de factores explicativos da literacia financeira, ainda que menos presentes nos estudos concernentes a esta temática, foram examinados na literatura. Por exemplo, no estudo de Koshal, Gupta, Goyal & Choudhary (2008) conclui-se que o facto de os estudantes frequentarem escolas com prestígio influencia significativamente a literacia económica. Verificou-se que estudantes que frequentam escolas prestigiadas têm significativamente mais literacia económica do que aqueles que frequentam outros estabelecimentos menos prestigiados.

Voltando ao estudo de Monticone (2010), nele se analisa outro factor explicativo da literacia – o estado civil dos indivíduos – tendo-se verificado que os indivíduos viúvos e viúvas têm pior *performance* financeira do que os casados e os solteiros, sendo que os casados são os que evidenciam melhores *performances*.

A região onde o indivíduo se insere foi outro factor presente nos trabalhos de Soper e Brenneke (1981) e de Mandell e Klein (2007). Ambos concluíram que os entrevistados residentes na zona sul da América tendem a ter menor *performance* que os restantes. Também Lusardi & Mitchell (2009) estudaram o efeito da região no nível de literacia dos indivíduos e concluíram que os indivíduos que viviam em estados mais

⁸ Para uma visão sintética dos contributos da *behavioural finance*, cfr. Neves e Quelhas (2013), pp. 128 a 131.

orientados para a educação e que gastavam mais em educação por aluno tinham maior probabilidade de exibir um maior nível de conhecimento financeiro no futuro.

Jappelli (2010) observou outro factor que tem influência ao nível da literacia. Este afirma que as interacções sociais –medidas pela quantidade de população– estão positivamente relacionadas com a literacia económica. Neste mesmo estudo, Jappelli (2010) avaliou ainda a relação entre conhecimento matemático e nível de literacia. O autor verificou que os conhecimentos em matemática têm um efeito positivo estatisticamente significativo na literacia económica e financeira.

A etnia é outro factor determinante da literacia financeira. Mandell e Klein (2007) bem como Grimes, Millea e Thomas (2010) concluíram que a etnia é determinante na literacia verificando que os africanos têm níveis de literacia mais baixos. Contudo, nos estudos conduzidos, as diferenças entre os grupos raciais tiveram pouca ou nenhuma significância estatística.

Por fim, um outro factor que se pode considerar entre o elenco de determinantes do nível de literacia é o interesse dos professores nos estudantes. Lusardi, Mitchell & Curto (2010) estudaram este factor e verificaram que teve um pequeno efeito positivo na probabilidade do inquirido responder correctamente às questões financeiras. Este resultado sugere que a qualidade do ensino pode influenciar a literacia financeira entre os indivíduos mais jovens.

1.3.Relevância da literacia financeira

A educação financeira, como qualquer tipo de formação, é benéfica não só para a *sociedade* em geral como também para o próprio *consumidor/investidor*. Ser possuidor de conhecimentos financeiros é cada vez mais importante para a tomada de decisões das famílias, não só quando se quer fazer algum tipo de poupança ou investimento no mercado, mas também quando se coloca necessidade de recorrer a algum tipo de crédito.

Não existe um nível de conhecimentos financeiros ideal que se possa adquirir. O conhecimento financeiro a deter por um indivíduo é um factor dinâmico e subjectivo.

Um indivíduo que fosse hábil nesta temática na sociedade de há 20 anos pode não o ser na sociedade actual. Esta situação deve-se à evolução e ao dinamismo dos próprios mercados financeiros e do contexto económico em geral.

Assim, é fundamental que a transmissão de informação financeira ocorra desde cedo, de modo a garantir que os jovens de hoje serão amanhã consumidores informados, conscientes e que vão ser elementos que irão proporcionar crescimento à economia.

1.3.1. A relevância da literacia financeira na sociedade

A sociedade em que vivemos obrigou a que a educação financeira adquirisse um nível de importância acrescido, uma vez que, a par da constante evolução demográfica, económica e política, se observa o desenvolvimento contínuo dos mercados de capitais. Quer seja para investimento, para poupança ou para crédito, toda a panóplia existente e complexidade subjacente aos produtos financeiros oferecidos hoje nos mercados podem causar perplexidade inclusivamente até os cidadãos melhor informados financeiramente.

Segundo a OCDE (2005), o agregado familiar assume, cada vez mais, o risco das suas decisões de investimento, principalmente na área da poupança para a reforma. Assim, indivíduos com formação financeira são absolutamente necessários para assegurar níveis suficientes de protecção aos investidores e consumidores, bem como para assegurar o regular funcionamento dos mercados financeiros e da economia.

Em termos genéricos, podemos observar uma relação positiva entre crescimento económico e literacia financeira. Com efeito, as famílias são financeiramente fortes – não apenas em termos de riqueza, mas também de conhecimento – tendem a ter níveis mais elevados de confiança sobre o consumo e têm maior propensão para realizar grandes compras, o que permite o desenvolvimento da economia.

É nesse sentido que autores como Rivlin (1999), Jappelli (2010) ou Koshal, Gupta, Goyal, & Choudhary (2008), entre outros, defendem que o aumento da literacia financeira de cada indivíduo pode contribuir significativamente para o bom funcionamento da economia, evitando a emergência de condições para práticas fraudulentas e concorrência desleal nos mercados.

Efectivamente, e na senda de tudo o que se expôs anteriormente, os adultos necessitam hoje de um nível mais elevado de conhecimentos financeiros, uma vez que a sociedade se tornou mais complexa. Os inadequados níveis de literacia de um país, mormente os que se registam em determinados sectores da população, podem, conseqüentemente, ter implicações sérias e até ameaçar a força económica e a união social de uma nação. Por estes motivos, os governos mostram um interesse crescente em compreender o nível e a distribuição do conhecimento financeiro das suas populações, tendo em vista a percepção das acções que podem ser conduzidas para melhorar a literacia (Murray, 1997).

Entre nós, o Banco de Portugal considera que «a formação financeira é hoje essencial à promoção de uma cidadania financeira activa»⁹. Com efeito, uma das soluções passa pelo investimento em estratégias de formação financeira na sociedade, promovendo comportamentos financeiros adequados no contexto do sistema financeiro.

1.3.2. A relevância da literacia financeira no consumidor

O mundo financeiro actual é caracterizado por um vasto leque de ofertas, algumas delas dotadas de grande complexidade. Mesmo para produtos simples, tais como contas poupança ou cartões de crédito, existem várias opções de produtos e serviços, o que leva a maior dificuldade nas escolhas dos consumidores. É necessário saber discernir e avaliar os factores que afectam significativamente a situação dos indivíduos, podendo, caso contrário, a falta de conhecimento financeiro conduzir a casos de sobreendividamento e mesmo de falência.

De acordo com a literatura que existe sobre esta temática, a posse de competências de literacia financeira é essencial para evitar e resolver problemas financeiros. De acordo com Huston (2010), no seu estudo de avaliação do conhecimento financeiro ao longo das últimas décadas, o aumento da literacia financeira nos indivíduos deve constar entre os objectivos da política pública, de forma a evitar conseqüências graves no funcionamento e crescimento do sistema financeiro.

⁹ 1ª Conferência do Banco de Portugal sobre Literacia Financeira – Novembro 2011

A educação financeira pode beneficiar todos os cidadãos, independentemente da sua idade e dos seus rendimentos. Independentemente do objectivo a atingir, o retorno da educação financeira representa sempre uma melhoria das condições de vida, permitindo desfrutar de um sentimento de confiança relativamente ao futuro.

Segundo Remund (2010), devido à complexidade da economia, assim como à variedade de produtos e serviços financeiros disponíveis, gerir receitas e despesas por parte do consumidor pode revelar-se uma tarefa difícil, particularmente para os mais jovens e para os economicamente desfavorecidos.

Afigura-se-nos, assim, que se torna primordial cuidar da educação financeira das camadas mais jovens. Dotar os jovens com conhecimento financeiro ajuda a estabelecer bons hábitos e atitudes responsáveis desde a tenra idade, promovendo atitudes que podem aumentar a segurança financeira e melhorar o estilo de vida a longo prazo. Voltaremos a este tópico no Capítulo 3 do presente trabalho.

CAPÍTULO 2

A LITERACIA FINANCEIRA EM PORTUGAL

2.1. Considerações iniciais

Neste Capítulo, procuraremos descrever a metodologia utilizada na recolha de dados que permitem avaliar o nível de literacia financeira dos indivíduos que frequentam o ensino superior em Portugal. Para além disso, proceder-se-á ao cálculo desse nível de literacia financeira, tendo por base o indicador doravante proposto. Contudo, principiaremos por apontar algumas conclusões obtidas em estudos anteriormente realizados em Portugal, relativamente ao nível de conhecimento financeiro da população.

2.2. Estudos prévios

Em Portugal, têm-se realizado alguns estudos sobre literacia em geral, nomeadamente aqueles que foram conduzidos pelos investigadores do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES). Estes estudos revelaram que o nível da alfabetização no nosso país é relativamente aceitável quando comparado com outros países, mas no que respeita aos níveis de literacia financeira da população, encontramos-nos num dos piores lugares entre os países participantes no estudo (França, Portugal, Reino Unido e Suécia).

O estudo mais referenciado sobre os comportamentos, as atitudes e os conhecimentos financeiros dos cidadãos em Portugal foi precisamente efectuado pelo Banco de Portugal, em 2010, tendo o mesmo seguido as orientações adoptadas nos últimos anos pela rede internacional de reguladores e peritos em temas de educação financeira.

Foi efectuado um questionário porta-a-porta, por todo o território nacional, que contou com a participação de 2.000 indivíduos, com idade igual ou superior a 16 anos. Os resultados obtidos foram e são um importante instrumento na identificação das principais áreas a que se deve intervir para combater o défice de informação e

compreensão bem como uma ajuda fundamental na preparação de programas de formação financeira.

Uma vez apreciados os resultados obtidos pelo questionário, foi possível concluir que cerca de 11% dos inquiridos não utiliza o sistema bancário, ou seja, não possui qualquer conta bancária, tendo sido apontada como principal razão o facto de os respectivos rendimentos não o justificarem.

Ainda de acordo com os resultados, no que concerne a hábitos bancários, apurou-se que apenas 8% dos entrevistados tomam decisões e efectuem escolhas tendo por base a comparação entre os vários produtos e serviços bancários. A maioria dos indivíduos apontou o conselho obtido ao balcão como o principal mecanismo que sustenta as suas escolhas e decisões.

Não obstante a obtenção destes resultados, é de louvar, entre nós, a adopção de um Plano Nacional de Formação Financeira, o qual foi vencedor do prémio “País 2014” na Europa. Este plano, previsto para o quinquénio de 2011 a 2015, foi da responsabilidade do Conselho Nacional de Supervisores Financeiros (BP, CMVM e ISP) e do Ministério da Educação e Ciência, tendo-se tornado uma referência mundial no que respeita à formação e educação financeira da população.

Reconhece-se assim a necessidade de reforçar as apostas na formação na área financeira, evitando o excesso ao crédito ao consumo e a consequente diminuição de poupanças por parte dos cidadãos, começando, desde já, esta aposta na educação, essencialmente na população mais jovem, pois são estes os investidores do futuro e que terão a responsabilidade de manter sãs as economias.

2.3. O estudo empírico

Com este trabalho, pretende-se avaliar a literacia financeira de um grande subgrupo da população portuguesa – os estudantes do ensino superior – assim como explorar os factores que influenciam o nível de conhecimento económico e financeiros destes indivíduos.

2.3.1. Metodologia

Não existe na literatura nenhuma metodologia tipificada que permita avaliar a literacia económica e financeira de um indivíduo ou grupo de indivíduos. No entanto, presentes os objectivos que norteiam a presente trabalho, optou-se pela realização de um inquérito por questionário remetido via *e-mail*. De notar, também, que outras referências prévias concernentes à mesma temática – mormente os estudos de Volpe (1998) e de Mandell (2008), bem como o próprio estudo do Banco de Portugal (2010), optaram por esta mesma metodologia de recolha de informação.

As possíveis principais vantagens associadas a esta metodologia resultam do facto de a mesma permitir recolher informação relativa a um elevado número de respondentes, em pouco tempo e sem custos consideráveis. É ainda de notar que, dada a plataforma informática que se empregou no lançamento do questionário, *GoogleDocs*, a informação recolhida fica desde logo sistematizada, o que permite maior facilidade de análise.

2.3.1.1. A recolha de dados

Os dados foram recolhidos através de inquérito, construído de acordo com os critérios expostos no ponto seguinte. O estudo foi realizado a nível nacional, tendo o questionário sido enviado para a maioria das instituições de ensino superior de todo o país, as quais surgem identificadas no Apêndice 1.

Os formulários foram distribuídos por correio electrónico, para o *email* geral de cada instituição de ensino superior, sendo os mesmos acompanhados por uma carta – a qual incluímos no Apêndice 2 – na qual se explicitavam os objectivos do estudo e se solicitava o envio do formulário para os endereços dos respectivos alunos matriculados até à data. Utilizando este sistema, foi possível estender-se a recolha a todo o país, de maneira mais fácil, prática e em relativamente pouco tempo.

O envio do questionário ocorreu no dia 29 de Agosto e a recolha de respostas foi considerada até ao dia 1 de Outubro do corrente ano. A título de curiosidade, através da observação da Ilustração 1, a maior taxa de resposta ao questionário verifica-se a meio do mês de Setembro, o que pode ser justificado pelo o início do ano lectivo.

Houve a preocupação de garantir o anonimato dos inquiridos para que não existissem inibições de participação neste trabalho, na eventualidade de se tornar melindrosa a avaliação dos níveis de conhecimento dos respondentes.

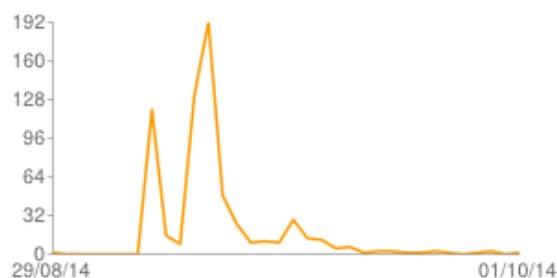


Ilustração 4 - Número de questionários recebidos ao longo do período de resposta

Antes do envio do questionário final, este foi submetido a um pré-teste, com o intuito de averiguarmos, junto a um grupo de cinco indivíduos, se as questões eram suficientemente claras, perceptíveis e pertinentes e se existia coerência global entre as mesmas.

Na impossibilidade de saber ao certo o número de questionários recebidos pela população-alvo, dado que terá dependido da diligência das próprias instituições de ensino superior, estabeleceu-se, de acordo com a “regra do polegar”, o número de respostas a considerar no presente trabalho. Estimou-se, assim, que deveriam ser recebidas, no mínimo, entre 450 a 500 respostas.

Todas as respostas tinham carácter obrigatório, pelo que os questionários só poderiam ser validados caso se encontrassem integralmente preenchidos. Foram validados 550 questionários, o que cumpre o objectivo inicialmente traçado.

2.3.1.2. O questionário

O questionário remetido aos estudantes do ensino superior em Portugal, cujo formulário se apresenta no Apêndice 3, compõe-se por 19 questões, distribuídas por três grupos.

A construção deste questionário teve como principal base o inquérito nacional, aplicado à população portuguesa pelo Banco de Portugal, em 2010, adaptando e combinando com questões de alguns outros questionários internacionais. Algumas questões foram adaptadas e outras criadas devido às diferenças entre estudos e à realidade das populações.

A opção de base pelo questionário do Banco de Portugal teve como motivação fundamental a evitação de questões semânticas decorrentes da tradução de alguns termos e significados empregues em termos internacionais.

Como se pretendia testar o conhecimento de vários termos financeiros, e o para o questionário não se tornar demasiado extenso, optou-se pelas perguntas fechadas, o que também facilita a resposta ao questionário, visto que o inquirido apenas tem de escolher entre respostas alternativas que lhe são fornecidas. Por outro lado, as respostas fechadas facilitam a comparação das respostas entre um elevado número de inquiridos.

O primeiro grupo de questões tem como objectivo a identificação do perfil do inquirido, ou seja, a obtenção de informações relativas às respectivas características sociodemográficas. As questões colocadas neste primeiro grupo reportam-se às seguintes variáveis: ano de nascimento, género, nacionalidade, nível de escolaridade, área de formação, situação laboral, anos de experiência no mercado de trabalho, composição do agregado familiar e situação financeira do agregado familiar. Estas características poderão ser relevantes no intuito de identificar quais os determinantes que influenciam o nível de literacia económica dos inquiridos.

No grupo dois, encontram-se quatro questões de escolha múltipla que permitem avaliar os hábitos económicos e o nível de inclusão financeira dos estudantes portugueses, indagando acerca da sua experiência financeira.

Assim, a primeira questão pretende conhecer quais os produtos financeiros de que o inquirido é titular, avaliando, desta sorte, os seus níveis de conhecimento e de inclusão financeira.

A segunda e terceira questão versam sobre a temática do crédito bancário, em que o objectivo é o de saber se os inquiridos já alguma vez recorreram ao crédito bancário e, em caso afirmativo, a que tipos de crédito já recorreram.

Sendo a elaboração e controlo do orçamento familiar o primeiro passo a efectuar para a boa gestão das finanças pessoais, introduziu-se, no questionário, uma questão atinente a esta temática. A última questão deste grupo pretende então avaliar a preocupação do inquirido pela gestão do seu orçamento, questionando acerca da existência de poupanças que permitam cobrir despesas inesperadas.

O último grupo, o grupo três, contém cinco questões de escolha múltipla que avaliam a compreensão dos indivíduos relativamente a conceitos financeiros básicos, com os quais uma parte significativa da população se depara no quotidiano. As questões integradas neste grupo foram propostas pelo Banco de Portugal (2010), no estudo

oportunamente conduzido, e referem-se aos conceitos de Euribor e de *spread*, ao conhecimento do nível de risco associado aos produtos financeiros mais comuns no mercado e à relação entre a taxa de inflação e a taxa de juro. Para além disso, introduziu-se uma última questão tendo em vista o apuramento da capacidade de os inquiridos calcularem o retorno associado a uma aplicação financeira em regime de juro composto. De referir que esta última questão serve também de “pergunta-controlo” às respostas dos inquiridos. Com efeito, um indivíduo que revele um bom nível de conhecimentos financeiros nas restantes questões deverá ser capaz de responder acertadamente à questão proposta. Isto é, permite comparar a coerência das respostas dadas ao questionário com o nível real de conhecimento financeiro do inquirido.

2.3.2.3. A caracterização da amostra

Tal como referido anteriormente, foram validadas 550 respostas.

Sem prejuízo das respostas obtidas para cada uma das questões individualmente consideradas – e das quais se dá conta, de modo discriminado, no Apêndice 4 – apresenta-se, de seguida, uma caracterização sucinta da amostra, atendendo a quatro vertentes essenciais: perfil demográfico, perfil geográfico, perfil de formação e perfil socio-económico.

Desde logo, através dos dados apresentados na Tabela 1, é possível observar que a maioria dos respondentes são mulheres (62%).

Para além disso, a idade dos inquiridos varia entre os 18 e os 63 anos. Foram considerados grupos etários de 6 anos (utilizou-se esta divisão atendendo ao grupo em estudo), em que a maioria dos inquiridos se situa na faixa etária dos 18 aos 23 anos (66%). Em segundo lugar, mas com uma diminuição considerável no número de respostas, temos os inquiridos com idades entre os 24 e os 29 anos (17%), seguidos pelos inquiridos com idades entre os 30 e os 35 anos (10%). Por fim, o menor número de inquiridos situa-se acima dos três intervalos acima apresentados (8%), o que é compreensível, uma vez que a idade da população que frequenta o ensino superior se coloca, normalmente, nos três primeiros intervalos apresentados.

	Número	%
Idade:		
Entre 18 e 23 anos inclusive	361	66%
Entre 24 e 29 anos inclusive	91	16%
Entre 30 e 35 anos inclusive	53	10%
36 ou mais anos	45	8%
Género:		
Feminino	339	62%
Masculino	211	38%

Tabela 1 – Perfil demográfico do inquirido

Já através da Tabela 2, podemos verificar que a amostra inclui pessoas de todos os distritos de Portugal Continental, bem como das Regiões Autónomas. Contudo as regiões mais representadas na amostra são o distrito de Coimbra (19%) e a Região Autónoma da Madeira (18%).

É ainda possível concluir que os respondentes se encontram equitativamente repartidos entre os indivíduos que frequentam o ensino superior na sua área de residência (49%) e os indivíduos que tiveram de se deslocar desta (51%), com uma ligeira preponderância (1%) para os inquiridos que se encontram deslocados da sua área de residência.

	Número	%		Número	%
Distrito Residência:					
Aveiro	53	10%	Lisboa	12	2%
Beja	3	1%	Portalegre	3	1%
Braga	34	6%	Porto	35	6%
Bragança	11	2%	Santarém	23	4%
Castelo Branco	39	7%	Setúbal	5	1%
Coimbra	102	19%	Viana do Castelo	27	5%
Évora	3	1%	Vila Real	7	1%
Faro	17	3%	Viseu	14	2%
Guarda	18	3%	Região Autónoma dos Açores	5	1%
Leiria	40	7%	Região Autónoma da Madeira	99	18%
Deslocado da área da sua residência:					
Sim	281	51%	Não	269	49%

Tabela 2 – Perfil geográfico do inquirido

Apesar de, no contexto desta dissertação, o grau de escolaridade não ser o principal determinante – uma vez que toda a população se encontra abrangida pelo critério do Ensino Superior – é interessante notar que apenas 30% dos inquiridos frequentam o 2.º Ciclo, sendo que os restantes 70% alunos de licenciatura.

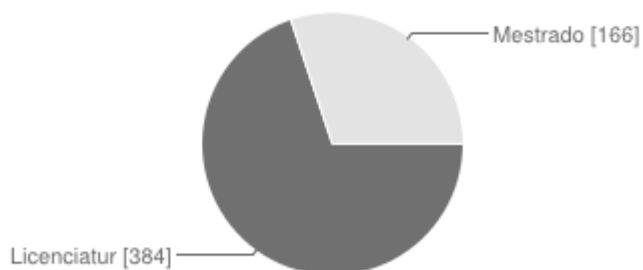


Ilustração 5 - Grau de Ensino

De acordo com os elementos que constam da Tabela 3, a maioria das respostas provém de indivíduos que frequentam a área de Ciências Sociais e Humanas e a área de Ciências Exactas, da Vida e Tecnologia. Apenas 18% dos inquiridos são da Área de Ciências Empresariais, ou seja, revela-se reduzido o número de indivíduos eventualmente detentores de conhecimentos na área das finanças.

Foi ainda colocada uma questão acerca do número de anos a que cada inquirido se encontra matriculado no Ensino Superior. Foi possível concluir, através do cálculo da função MODA, que a maioria dos inquiridos se encontrava há 3 anos a frequentar o ensino superior.

	Número	%
Grau de Escolaridade:		
Licenciatura	384	70%
Mestrado	166	30%
Área de Formação:		
Ciências Sociais e Humanas	258	47%
Ciências Empresariais	83	15%
Ciências Exactas, da Vida e Tecnologia	209	38%
Frequência do número de anos de matrícula	3	

Tabela 3 – Perfil de formação do inquirido

Quanto à situação económica dos inquiridos, indagou-se quanto ao rendimento mensal disponível do agregado familiar dos estudantes, como se pode observar na Tabela 4. Verifica-se que 38% dos inquiridos se encontra no escalão de 500€ a 999€ e 34% no escalão de 1.000€ a 1.999€. Observa-se, ainda, que apenas 15% dos inquiridos dispõe no seu agregado familiar um valor mensal disponível superior a 2.000€. No escalão oposto, 11% dos inquiridos possuem no seu agregado familiar um valor mensal disponível inferior a 499€, para além de que 2% dos inquiridos indicaram que não tem qualquer rendimento disponível mensal no seu agregado familiar.

Os elementos recolhidos na Tabela 4 permitem ainda analisar as habilitações literárias dos progenitores dos respondentes.

O intervalo de habilitações que predomina tanto para o Pai (49%) como para a Mãe (53%) é o intervalo correspondente ao Ensino Médio (do 5º ao 12º ano), seguido, em ambos os casos, pelo intervalo correspondente à Instrução Primária. Verifica-se que 31% dos pais dos respondentes apenas têm instrução primária, nível esse que, para o caso das mães, corresponde a 27% da amostra.

De salientar-se que apenas 19% dos pais dos inquiridos possuem Grau de Ensino Superior, sendo que desses 13% corresponde são detentores do grau de licenciado. O mesmo se passa em relação às mães. Apenas 24% das mães dos inquiridos possui Grau de Ensino Superior, sendo que dessas 18% corresponde também à Licenciatura.

É ainda de notar que os progenitores de 1% dos respondentes não têm qualquer instrução.

	Número	%
Indique o rendimento mensal disponível do agregado familiar:		
Sem rendimento	13	2%
Até €499,00	62	11%
Entre €500,00 e €999,00	207	38%
Entre €1.000,00 e €1.999,00	186	34%
Acima de €2.000,00	82	15%
Indique as habilitações literárias dos seus pais:		
Pai		
Sem instrução primária	8	1%
Possui instrução primária (4º ano)	171	31%
Possui ensino médio (5º ano ao 12º ano)	268	49%
Possui Licenciatura	70	13%

Possui Pós-Graduação/Mestrado/Doutoramento	33	6%
Mãe		
Sem instrução primária	5	1%
Possui instrução primária (4º ano)	126	23%
Possui ensino médio (5º ano ao 12º ano)	290	53%
Possui Licenciatura	97	17%
Possui Pós-Graduação/Mestrado/Doutoramento	32	6%
Número de pessoas mais verificado que compõem o agregado familiar:	4	

Tabela 4 – Perfil socio-económico do inquirido

Ainda relativamente aos dados do agregado familiar, observou-se que o número de pessoas que compõem o agregado familiar dos inquiridos varia entre 1 pessoa e 8 pessoas. Contudo, tal como se evidencia na Tabela anterior, entre os inquiridos ponderam os agregados familiares compostos por 4 pessoas.

2.4. Nível de experiência financeira dos inquiridos

Tal como se reporta na Tabela 5, procedeu-se a uma análise individual de cada um dos produtos e serviços financeiros que constavam no questionário, no sentido de avaliar se os inquiridos são ou não detentores dos mesmos, o que poderá constituir um indício da sua envolvimento em termos de mercado financeiro em geral.

A grande maioria dos inquiridos (87%) respondeu que possui Conta de Depósitos à Ordem, sendo que apenas 13% afirma que não utiliza este instrumento.

Quanto às Contas de Depósitos a Prazo, o número de inquiridos que detêm este produto, reduz para quase metade comparativamente aos detentores de Contas de Depósitos à Ordem, sendo que menos de metade da amostra (44%) tem o seu dinheiro em Contas de Depósito a Prazo.

Mais de metade dos indivíduos (58%) afirmam ser possuidores de Cartão de Débito, enquanto apenas 38% afirma ser detentores de Cartão de Crédito.

Os produtos que são menos procurados pela nossa amostra são os PPR (7%), os Fundos de Investimento (6%), as Acções (6%) e Obrigações (3%), o que facilmente se entende, visto o facto de os inquiridos serem maioritariamente indivíduos jovens.

Conta Depósito à Ordem	480	87%
Conta Depósito a Prazo	243	44%
Fundo de Investimento	35	6%
Cartão de Débito	319	58%
Cartão de Crédito	163	30%
Ações	31	6%
Obrigações	18	3%
PPR	40	7%
Outro	17	3%

Tabela 5 - Produtos financeiros detidos pelos inquiridos

Relativamente à contracção de crédito por parte dos estudantes que frequentam o ensino superior em Portugal, apenas 27% afirmam já ter recorrido a este tipo de serviço, contra 73% que declaram nunca ter recorrido a crédito bancário.

Os tipos de crédito que são mais procurados por esta comunidade são o Cartão de Crédito (15%) e o Crédito à Habitação (14%), sendo o Descoberto Bancário Negociado (3%) e o Crédito Automóvel (7%) os menos utilizados. Contudo, 38% afirma já ter recorrido a outro tipo de crédito que aqui não se encontra especificado. Atendendo ao tipo de população em estudo, grande parte dos créditos contemplados na rubrica “Outros” terão provavelmente como finalidade o financiamento dos estudos dos inquiridos.

Crédito à habitação	77	14%
Crédito ao consumo	44	8%
Crédito Automóvel	38	7%
Cartão de Crédito	84	15%
Descoberto Bancário Negociado	16	3%
Outro	186	34%

Tabela 6 - Tipologias de crédito recorridas

É importante ainda referir que se verifica, entre os inquiridos, bastante preocupação com o bem-estar financeiro em termos individuais, a curto e longo prazos,

pois 68% da amostra afirma possuir poupanças que permitem cobrir as suas despesas em caso de existir alguma situação inesperada.

2.5. Mensuração da literacia financeira

Um dos objectivos propostos para o presente trabalho é o de proceder à mensuração do nível de literacia entre os indivíduos que, em Portugal, frequentam o ensino superior. Deste modo, para possibilitar essa medição, foi construído um índice com base nas questões colocadas.

Tal como o próprio conceito, a medição do nível de literacia financeira não é unânime na literatura. Vejamos o exemplo do índice de literacia financeira criado no estudo de Monticone (2010). Este construiu um índice de mensuração, sustentado na atribuição de pontuação igual ao número de respostas correctas, num total de seis questões (variando, assim, de 0 a 6). Já no trabalho de Mendes e Abreu (2006), o objectivo foi o de identificar os factores que influenciam o nível de cultura financeira dos investidores individuais. Estes recorreram a 3 questões do inquérito realizado pela CMVM em 2000, para obter o nível de conhecimento financeiro dos investidores. A duas das três questões foi atribuída uma pontuação que variava de 0 a 5, enquanto noutra questão foi atribuída uma pontuação de 5 se a resposta estivesse correcta e de 0 se a resposta estivesse incorrecta.

Na presente dissertação, adoptamos um método de mensuração que segue de perto o sistema utilizado no estudo de Monticone (2010). Assim, para a construção do índice de literacia financeira foi também atribuído maior número de pontos às respostas correctas às 5 questões de conhecimento financeiro contidas no grupo de “Cultura Financeira” do questionário utilizado, sendo, assim, atribuído um ponto a cada resposta correcta.

Deste modo, se o inquirido respondesse acertadamente a todas as questões, teria um total de 5 pontos. Relativamente à questão relacionada com o risco de produtos financeiros – que, na realidade, engloba 7 questões – considerou-se que a resposta estava correcta se o indivíduo atribuísse acertadamente pelo menos 4 qualificações de risco entre as 7 possibilidades apontadas¹⁰. Deste modo, no máximo, um inquirido,

¹⁰ A questão alusiva ao risco dos vários produtos financeiros considerou-se como certa quando os inquiridos responderam, pelo menos, a quatro das alíneas propostas, de acordo com o seguinte modelo de

seguindo a escala aqui proposta, poderia obter 5 pontos (Excelente) como nível de literacia financeira.

Assim, o índice final de literacia financeira estará compreendido numa escala de 0 a 5, tal como se ilustra na tabela seguinte.

Número de Respostas Correctas	Pontos Atribuídos	Nível de Qualificação
0	0	Muito Mau
1	1	Mau
2	2	Razoável
3	3	Bom
4	4	Muito Bom
5	5	Excelente

Tabela 7 - Nível de qualificação da literacia financeira

Recorde-se que as questões incluídas no bloco referente à cultura financeira versavam, em nosso entendimento, sobre conceitos básicos, relacionados com as finanças e com a economia, os quais, supostamente, deverão ser do conhecimento dos jovens que frequentam o ensino superior em Portugal.

A primeira questão colocada neste bloco dizia respeito ao conceito de Euribor. Mais da metade da amostra (52%) não acertou na resposta a esta questão.

Mantendo-nos na temática de conceitos directamente relacionados com situações comuns e com noções de termos financeiros aplicados no quotidiano, questionou-se quanto ao conceito de *spread*. Apenas 37% da amostra acertou a questão. De sublinhar que 38% dos inquiridos respondeu à questão como “Não sei”.

Relativamente à questão acerca da inflação, mais de metade da amostra aponta ter conhecimento sobre esta temática, uma vez que 54% acertou nesta questão. Mais uma vez, é de salientar que 34% dos inquiridos respondeu à questão como “Não sei”.

Já no que concerne à questão alusiva ao risco, pretendia-se aferir qual o grau percepção dos inquiridos relativamente ao risco associado a certas possibilidades de investimento, solicitando o preenchimento de uma tabela de classificação, numa escala de 1 a 3 (1.

resposta: Acções – risco alto; Obrigações – risco médio; Certificados de Aforro – risco baixo; Fundos de Investimento – risco médio; Fundos de Acções – risco alto; Planos de Poupança Reforma – risco baixo.

Risco Baixo, 2. Risco Médio e 3. Risco Elevado). Nesta questão, foi mais uma vez introduzida a hipótese de resposta “Não sei”, no intuito de avaliar quais os produtos financeiros que os inquiridos revelam maior dificuldade em classificar.

	1. Risco Baixo	2. Risco Médio	3. Risco Elevado	Não Sei	Total
1. Acções	24%	2%	60%	14%	100%
2. Obrigações	9%	35%	17%	39%	100%
3. Certificados de Aforro	39%	24%	5%	32%	100%
4. Fundos de Investimento	8%	34%	29%	29%	100%
5. Fundos de Acções	3%	22%	40%	35%	100%
6. Planos de Poupança Reforma	64%	18%	3%	15%	100%
7. Depósitos a Prazo	69%	12%	4%	15%	100%

Tabela 8 - Resultados à questão sobre o Risco de Produtos Financeiros

De acordo com a Tabela 8, o produto financeiro que os inquiridos consideram com risco mais elevado são as Acções (60%) e o produto financeiro que os inquiridos consideram de menor risco são os depósitos a prazo (69%), logo seguidos pelos planos de poupança reforma (64%).

Apenas 3% dos inquiridos considera de risco baixo as aplicações em fundos de acções, sendo ainda que somente 9% dos inquiridos considera os fundos de investimento como aplicações de baixo risco.

Já relativamente às Obrigações, 34% dos inquiridos classifica-as como sendo de risco médio.

Como era de prever, existe uma percentagem considerável de inquiridos que responde não saber qual o tipo de risco associado a cada produto financeiro. Esse desconhecimento verifica-se, sobretudo, nas aplicações em obrigações (39% dos inquiridos) e nos fundos de acções (35% dos inquiridos).

A última questão é, certamente, a questão de mais difícil resposta, uma vez que se torna necessário mobilizar competências, ainda que bastante rudimentares, na área do cálculo financeiro, em concreto do regime de capitalização composta. Com efeito, apenas 29% dos inquiridos mostra possuir conhecimentos adequados neste domínio,

tendo a maioria (49%) apontado como resposta correcta a resposta B (1.100€), ignorando, em concreto, o processo de formação de “juros de juros”.

Assim, agregando todos os resultados obtidos, procedemos ao apuramento do nível de literacia financeira, tendo por base a escala de classificação anteriormente proposta. Dessa agregação, obtiveram-se os resultados que constam na Tabela 9.

Nível	Qualificação	Nº Inquiridos	%
0	Péssimo	0	0%
1	Mau	126	23%
2	Razoável	158	29%
3	Bom	171	31%
4	Muito Bom	95	17%
5	Excelente	0	0%
Total		550	100%

Tabela 9 - Nível de Literacia Financeira dos Inquiridos

Perante estes resultados, podemos concluir que os estudantes quem frequentam o ensino superior em Portugal têm uma noção razoável sobre questões financeiras que estão presentes no nosso dia-a-dia. Isto traduz-se pelo facto do nível de literacia financeira ser mais frequente ser o nível “Bom” (31%), sendo ainda que 48% dos inquiridos (31% + 17%) ocupam os níveis “Bom” e “Muito Bom”, colocando-se os restantes 52% (23% + 29%) entre os níveis «Mau» e «Razoável».

Porém, verificamos que nenhum inquirido se colocou nos níveis extremos, ou seja, nenhum dos respondentes obteve o nível “Péssimo” ou o nível “Excelente”.

CAPÍTULO 3

DETERMINANTES DA LITERACIA FINANCEIRA DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL

3.1. Impacto dos determinantes na literacia financeira

De modo a atingir o segundo objectivo deste trabalho, ou seja, verificar quais os determinantes do nível de literacia financeira dos estudantes do ensino superior em Portugal, recorreremos a um modelo de regressão linear, cuja formulação se apresenta através do diagrama explicativo que consta da Ilustração 3.

A variável dependente a ser testada é o Nível de Literacia Financeira dos estudantes que frequentam o ensino superior em Portugal. Quanto às variáveis independentes, estas incluem quatro dimensões diferentes (Rendimento, Formação, Factores Socio-Demográficos e Gestão do Dinheiro), medidas através dos atributos que se apontam no diagrama.

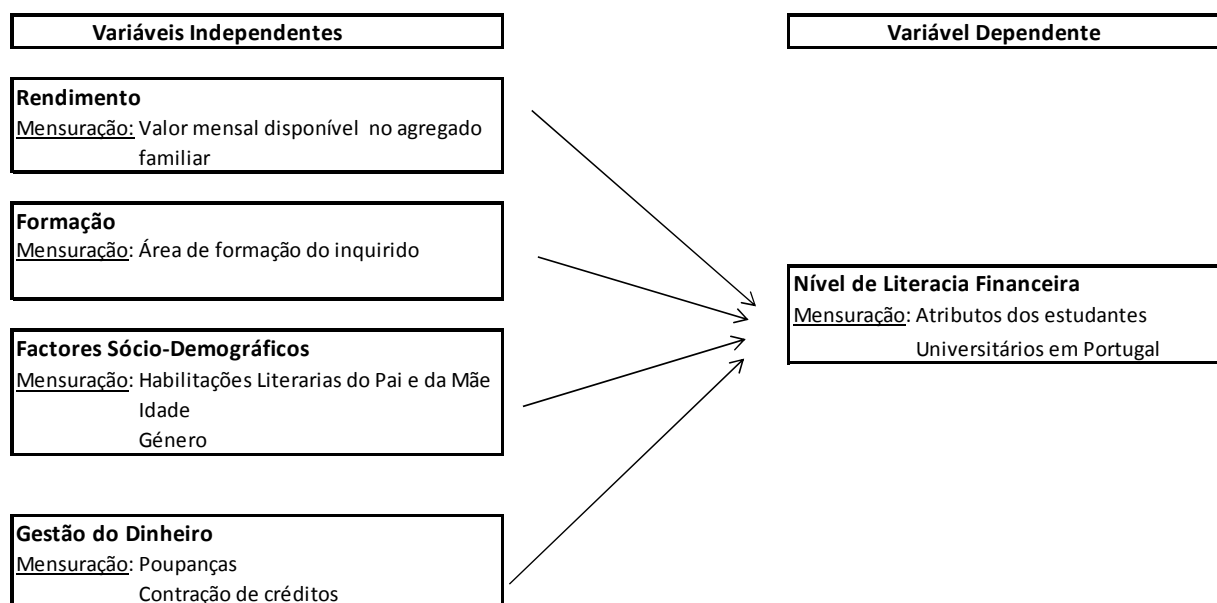


Ilustração 6 - Diagrama Explicativo do Modelo

3.1.1. As hipóteses de trabalho

Uma vez que se pretende averiguar o impacto dos determinantes no nível de literacia financeira, pretende-se, de seguida, apurar qual o peso relativo de cada um desses factores.

Desta forma, no presente capítulo, formalizamos algumas hipóteses de trabalho inspiradas na revisão da literatura efectuada no Capítulo 1, as quais passamos a enumerar:

Hipótese 1: O rendimento mensal do agregado familiar está positivamente relacionado com o nível de literacia financeira;

Hipótese 2: Ter formação na área de economia ou finanças é determinante para explicar o nível de literacia financeira, sendo de esperar uma correlação positiva;

Hipótese 3: As habilitações literárias dos pais são determinantes para explicar o nível de literacia financeira;

Hipótese 4: A idade é determinante para explicar o nível de literacia financeira;

Hipótese 5: O género é determinante para explicar o nível de literacia financeira;

Hipótese 6: Ter contraído algum tipo de crédito é determinante para explicar o nível de literacia financeira;

Hipótese 7: Ter algum tipo de poupança é determinante para explicar o nível de literacia financeira.

Ainda que não exista homogeneidade no método estatístico utilizado nos estudos da literatura existente por forma a averiguar a influência dos factores determinantes sobre a literacia financeira, considerou-se que o modelo mais indicado seria o modelo

de regressão linear múltipla¹¹, também aplicado no estudo de Mendes e Abreu (2006). O modelo proposto servirá, ainda, de base ao teste das hipóteses.

3.1.2. O modelo

A variável central no nosso estudo é designada como *nível de conhecimento financeiro dos estudantes universitários em Portugal* (NIVEL). Esta variável, seguindo a metodologia de Wood & Doyle (2002), corresponde ao número de respostas corretas a perguntas directamente orientadas para a avaliação do grau de conhecimento de mercados e produtos financeiros portugueses, a partir do índice de literacia financeira criado para medir o nível de literacia financeira dos estudantes do ensino superior em Portugal¹².

No modelo de regressão linear múltipla, admite-se que a variável dependente (sendo no caso a variável NIVEL) é uma função linear de variáveis independentes e do erro, sendo expresso no seguinte modo:

$$Y_j = \beta_0 + \beta_1 X_{1j} + \beta_2 X_{2j} + \dots + \beta_k X_{kj} + \varepsilon_j \quad (j = 1, \dots, n)$$

Sendo:

Y_j – Representa o nível de literacia financeira dos inquiridos

β_0 – Constante do modelo linear

β_i - Coeficientes de regressão da i -ésima variável que representam a variação por unidade de Y com X_i

X_j – Variáveis independentes do modelo linear

ε_j – Os erros ou os resíduos do modelo.

¹¹ Um modelo de regressão é um modelo estatístico no qual se supõe que o valor esperado de uma variável depende do valor observado de outras variáveis, através de uma relação funcional com uma forma específica. É um dos métodos estatísticos mais utilizados para investigar a relação entre variáveis (duas ou mais). Chama-se, então, a um modelo que tenha mais que duas variáveis, e que será aquele que empregaremos, modelo de regressão linear múltipla.

¹² A metodologia é explicada em detalhe no ponto 2.5 – Mensuração da Literacia Financeira

Identificando um conjunto de factores socio-económicos, procuramos analisar quais deles estão significativamente relacionados com o nível de cultura financeira dos inquiridos.

Atendendo às hipóteses formuladas, as variáveis escolhidas para o modelo são as seguintes:

Variáveis Independentes	
X₁	Rendimento mensal do agregado familiar
X₂	Área de Formação
X₃	Habilitações Literárias (Pai)
X₄	Habilitações Literárias (Mãe)
X₅	Idade
X₆	Género
X₇	Recurso a Crédito
X₈	Poupança

Tabela 10 – Descrição das Variáveis Independentes

Uma vez que a tabela Anova constitui um teste de hipóteses à existência ou não de uma relação de dependência entre variáveis, este foi o teste escolhido para determinar qual o nível de variância das variáveis utilizadas no modelo relativamente à variável dependente.

Assim sendo, de seguida serão apresentados os testes às hipóteses propostas, que indicarão se os determinantes em estudo estão ou não relacionados com o nível de literacia financeira dos estudantes do ensino superior. Para além disso, veremos até que ponto esses resultados vão ao encontro da literatura existente.

1 – O rendimento mensal do agregado familiar está positivamente relacionado com o nível de literacia financeira

- H_0 : O nível de literacia financeira não depende do rendimento mensal do agregado familiar;

Vs.

- H_1 : O nível de literacia financeira depende do rendimento mensal do agregado familiar.

ANOVA					
Nível					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	10,534	4	2,634	2,536	,039
Within Groups	566,057	545	1,039		
Total	576,591	549			

Tabela 11 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Rendimento

Da observação da Tabela 11, podemos concluir que $F = 2.536$ (a estatística F tem um valor alto quando a variável independente ajuda a explicar a variabilidade da variável dependente) e o valor de significância de 0.039, que é menor que os 5% do nível de significância tido em conta neste estudo. Assim sendo, rejeitamos H_0 , que afirma não existir dependência entre o nível de literacia financeira e o nível de rendimento do agregado familiar.

Muito tem sido escrito sobre o efeito do rendimento em relação à educação financeira. A maioria dos estudos anteriormente realizados mostra que o rendimento auferido é um determinante do nível de educação financeira dos indivíduos (Monticone (2010); Lusardi e Mitchell (2007)).

Face ao exposto, os resultados obtidos encontra-se em linha com os dos autores anteriormente mencionados, concluindo-se que o nível de rendimentos está correlacionado positivamente com o nível de literacia financeira dos indivíduos.

2 – Ter formação na área de economia ou finanças é determinante para explicar o nível de literacia financeira, sendo de esperar uma correlação positiva;

- H_0 : O nível de literacia financeira não depende da área de formação

Vs.

- H_1 : O nível de literacia financeira depende da área de formação

ANOVA					
Nível					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	17,074	2	8,537	8,346	,000
Within Groups	559,517	547	1,023		
Total	576,591	549			

Tabela 12 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Área de Formação

De acordo com os elementos contidos na Tabela 12, podemos concluir que $F=8.346$ e o valor de significância de 0.000 , que é menos do que os 5% do nível de significância tido em conta neste estudo. Assim sendo, rejeitamos H_0 que considera não existir dependência entre o nível de literacia financeira e a área de formação dos indivíduos.

Certos trabalhos prévios referem que a área de formação de um indivíduo influencia o respectivo nível de literacia financeira (Wood e Doyle (2002), Gleason e Scyoc (1995), Walstad e Rebeck (2002) e Koshal, Gupta, Goyal e Choudhary (2008)), demonstrando que possuir formação na área das ciências económicas tem um efeito positivo no nível de literacia económica.

O presente trabalho encontra-se, de novo, em linha com os autores anteriormente mencionados, concluindo não só que a área de formação está directamente correlacionada com o nível de literacia financeira dos indivíduos, como também que os indivíduos com formação na área das finanças possuem um nível de conhecimento financeiro superior (Apêndice 6).

3 – As habilitações literárias dos pais são determinantes para explicar o nível de literacia financeira.

- H_0 : O nível de literacia financeira não depende das habilitações literárias do Pai

Vs.

- H_1 : O nível de literacia financeira depende das habilitações literárias do Pai

ANOVA					
Nível					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	2,602	4	,650	,618	,650
Within Groups	573,989	545	1,053		
Total	576,591	549			

Tabela 13 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Habilidade Literárias (Pai)

- H_0 : O nível de literacia financeira não depende das habilitações literárias da Mãe

Vs.

- H_1 : O nível de literacia financeira depende das habilitações literárias da Mãe

ANOVA					
Nível					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	15,305	4	3,826	3,715	,005
Within Groups	561,286	545	1,030		
Total	576,591	549			

Tabela 14 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Habilidade Literárias (Mãe)

Pela observação da Tabela 13 e da Tabela 14, podemos observar $F = 0.618$ e $F = 3.715$, e que o valor de significância é de 0.650 e 0.005, respectivamente. No caso das habilitações literárias do pai, o *p-value* apresenta um valor superior ao nível de significância 0.05 considerado neste estudo e no caso das habilitações literárias da mãe, o *p-value* apresenta um valor inferior ao nível de significância considerado no estudo. Assim sendo, aceitamos H_0 que considera não existir dependência entre o nível de

literacia financeira e o nível de habilitações literárias paternas e aceitamos a dependência entre o nível de literacia financeira e as habilitações literárias maternas.

Os resultados apresentados, numa primeira perspectiva, podem parecer paradoxais, no entanto existem algumas fundamentações que os podem justificar. Em primeiro lugar, devemos ter em consideração a geração da amostra em estudo. Numa determinada geração, os homens, ou seja, os pais, eram mais escolarizados que as mulheres, as mães. Assim sendo, e visto que apenas há relativamente pouco tempo se verifica um acréscimo considerável na formação do género feminino, bem como na sua participação no mercado de trabalho, ter uma mãe escolarizada pode funcionar como factor diferenciador na educação dos indivíduos. Daí que os resultados prevejam uma dependência entre o nível de literacia financeira nos indivíduos com o nível de habilitações literárias da sua progenitora.

4 – A idade é determinante para explicar o nível de literacia financeira;

- H_0 : O nível de literacia financeira não depende da idade

Vs.

- H_1 : O nível de literacia financeira depende da idade

ANOVA					
Nível					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	49,463	3	16,488	17,078	,000
Within Groups	527,127	546	,965		
Total	576,591	549			

Tabela 15 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Idade

Pela observação da Tabela 15, verificamos que $F=17.078$ e o valor de significância de 0.000, que é menos do que os 5% do nível de significância, tido em

conta neste estudo. Assim sendo, rejeitamos H_0 que afirma não existir dependência entre o nível de literacia financeira e a idade dos indivíduos.

Conforme sustentado por um conjunto alargado de trabalhos, a idade de um indivíduo influencia o nível de literacia financeira por si detido (Grimes, Millea e Thomas (2010); Walstad e Rebeck (2002); Koshal, Gupta, Goyal e Choudhary (2008)), sendo a ideia que o nível de literacia financeira tende a aumentar ao longo do tempo de vida dos indivíduos.

Os nossos resultados corroboram os anteriormente obtidos na literatura, concluindo-se que o nível de literacia financeira dos indivíduos está correlacionado com a variável idade. Contudo, e em acordo com Walstad e Rebeck (2002) e Monticone (2010), no presente estudo também se observa que o perfil da idade relativamente ao conhecimento financeiro apresenta a forma côncava (U-invertido), isto é, adultos na meia-idade têm mais conhecimento financeiro do que os mais jovens e os mais velhos. Ou seja, os indivíduos que apresentam um nível de literacia financeira com melhor qualificação, são os que se encontram no intervalo dos 30 aos 35 anos (Apêndice 6). De notar que o intervalo de “36 ou mais anos” apresenta também um número elevado de inquiridos com nível de qualificação “Muito Boa”. No entanto, dado à amostra em estudo, estes resultados nunca irão ultrapassar o momento de meia-idade dos inquiridos, e, por isso mesmo, não se conseguirá comprovar a literatura existente de um modo cabal.

5 - O género é determinante para explicar o nível de literacia financeira

- H_0 : O nível de literacia financeira não depende do género

Vs.

- H_1 : O nível de literacia financeira depende do género

ANOVA					
Nível					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	9,093	1	9,093	8,780	,003
Within Groups	567,498	548	1,036		
Total	576,591	549			

Tabela 16 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Género

De acordo com os elementos inscritos na Tabela 16, podemos concluir que $F = 8.780$ (A estatística F tem um valor alto quando a variável independente ajuda a explicar a variabilidade da variável dependente) e o valor de significância de 0.003, que é menos do que os 5% considerados neste estudo. Logo rejeitamos H_0 que afirma não existir dependência entre o nível de literacia financeira e o género dos indivíduos.

Estudos prévios mostram que normalmente existe uma diferença entre os graus de literacia financeira detidos pelo género feminino e pelo género masculino, como são exemplo Atkinson *et al.*(2006); Wang (2011) e Worthington (2006).

Todos os autores acima mencionados tendem a privilegiar o género masculino, isto é, que o homem tende a ter um conhecimento económico maior e mais consistente relativamente à economia e aos instrumentos financeiros do que a mulher. No entanto, através da análise dos dados recolhidos pelo nosso questionário, o género feminino tende a ter maior nível de conhecimento financeiro (Apêndice 6), contrariando as referências acima apontadas.

6 – Ter contraído algum tipo de crédito é determinante para explicar o nível de literacia financeira

- H_0 : O nível de literacia financeira não depende do recurso a crédito

Vs.

- H_1 : O nível de literacia financeira depende do recurso a crédito

ANOVA					
Nível					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	24,990	2	12,495	12,368	,000
Within Groups	553,634	548	1,010		
Total	578,624	550			

Tabela 17 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Crédito

Pela observação da Tabela 17, podemos concluir que $F = 12.368$ e que o valor de significância é de 0.000, que é menos do que os 5% do nível de significância considerados neste estudo. Assim sendo, rejeitamos H_0 que afirma não existir dependência entre o nível de literacia financeira e o recurso a crédito bancário.

7 – Deter algum tipo de poupança é determinante para explicar o nível de literacia financeira

- H_0 : O nível de literacia financeira não depende se faz poupanças

Vs.

- H_1 : O nível de literacia financeira depende se faz poupanças

ANOVA					
Nível					
	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	8,862	1	8,862	8,554	,004
Within Groups	567,729	548	1,036		
Total	576,591	549			

Tabela 18 - Tabela Anova Nível de Literacia Financeira e Poupança

Por fim, de acordo com os valores que constam da Tabela 18, podemos concluir que $F = 8.554$ e o valor de significância de 0.004, que é menos do que os 5% do nível de significância tido em conta neste estudo. Assim sendo, rejeitamos H_0 que afirma não existir dependência entre o nível de literacia financeira e o facto de um indivíduo ser possuidor de poupanças.

Alias, é ainda possível concluir que os indivíduos que possuem poupanças tendem a ter um grau de literacia financeira mais elevado, mostrando o interesse pelos inquiridos na obtenção de informação para precaver alguma eventualidade futura de forma mais rentável (Apêndice 6).

3.1.3. Análise dos Resultados do Modelo de Regressão Linear Múltipla

Model Summary ^b				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,350 ^a	,122	,109	,967

Tabela 19 - Modelo de Regressão Linear Múltipla

a. Predictors: (Constant), Poupança, Idade, Área, Género, Habpai, Rendimento, Crédito, Habmae

b. Dependent Variable: Nível

O coeficiente de determinação (R Square) é de 0,122, o que significa que 12,2% da variância do Nível de Literacia Financeira (Y) é explicado pela variação das variáveis em estudo (X). Logo 87,8% da variação do Nível de literacia financeira não se encontra explicado pelos factores presentes neste modelo. De referir, contudo, que para a elaboração deste modelo alguns pressupostos devem ser verificados.

O primeiro passo foi efectuar uma análise dos dados do modelo de forma a concluir se as variáveis utilizadas eram correlacionadas. A partir do Teste KMO, concluiu-se que este tem um nível Razoável de correlação entre as suas variáveis.

Todavia, há ainda outros pressupostos que devem ser estudados de forma a validar o modelo proposto.

Foram, assim, verificados os pressupostos da Colinearidade, pelo método de *Variance inflation factor* (VIF), e da independência dos resíduos pelo método do Teste de Durbin-Watson.

No entanto, a premissa da homogeneidade de variância dos resíduos não se aplicou, pois de modo a ser verificada a condição de homogeneidade de variância dos resíduos através do teste de *Levene*, o *p-value* obtido teria se ser superior a 0.05, o que não sucedeu.

A condição de normalidade da distribuição dos resíduos levanta algumas dúvidas quanto à sua aplicabilidade no modelo, uma vez que, pela observação dos gráficos emitidos através do programa de estudo estatístico SPSS, os resíduos da amostra indicam possuir a condição de normalidade, no entanto, pelo teste K-S, conclui-se que o modelo falha este pressuposto (*p-value* <0.05).

Para que estes últimos pudessem ser válidos, as alternativas a serem aplicadas poderiam passar pelo aumento da dimensão da amostra, a eliminação das variáveis independentes que sejam dependentes entre si e a exclusão de *outliers* (observações que se afastam significativamente das demais, que podem causar vibrações não desejáveis ao processo de estimação). No entanto, estas opções não puderam ser exploradas devido a constrangimentos de tempo e também pelo facto de que reduzir as variáveis independentes não se afigurava uma opção. A validade do modelo é no entanto considerada Razoável, sabendo que, tal como todos os modelos, apresenta erros inerentes.

ANOVA ^a						
Model		Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	72,314	8	9,039	9,698	,000 ^b
	Residual	504,277	541	,932		
	Total	576,591	549			

Tabela 20 - Tabela Anova - Modelo do Regressão Linear

a. Dependent Variable: Nível

b. Predictors: (Constant), Poupança, Idade, Área, Género, Habpai, Rendimento, Crédito, Habmae

A tabela ANOVA mostra o resultado do teste F para a regressão, que mede a significância da regressão no geral, com todas as variáveis independentes tidas em consideração. Como o *p-value* apresenta o valor de 0.000, logo menor do que 0.05, significa que há correlação entre as variáveis, isto é, que é evidente que as variáveis independentes em estudo afectam o nível de literacia financeira dos estudantes que compõem a amostra.

Coefficients ^a						
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	T	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	2,970	,415		7,149	,000
	Rendimento	,082	,048	,077	1,695	,091
	Area	-,133	,061	-,090	-2,168	,031
	Hab Pai	-,052	,061	-,044	-,855	,393
	Hab Mae	,039	,065	,031	,601	,548
	Idade	,232	,051	,218	4,517	,000
	Genero	-,169	,088	-,080	-1,912	,056
	Credito	-,176	,109	-,076	-1,617	,107
	Poupança	-,223	,092	-,100	-2,413	,016

Tabela 21 - Modelo de Regressão Linear: Tabela de Coeficientes

A partir da Tabela 21, podemos observar qual a influência de cada variável tida em consideração, no nível de literacia financeira dos estudantes do ensino superior em Portugal, que compõem a amostra em estudo. Segundo os dados apresentados, a variável que tem um impacto mais forte na literacia financeira é a idade.

Assim, a determinação do nível de literacia financeira pode ocorrer através da seguinte equação:

Nível de Literacia Financeira

$$\begin{aligned} &= 2,970 + 0,082\text{Rendimento} - 0,133\text{Área de Formação} \\ &- 0,052\text{Habilitações Literárias(Pai)} \\ &+ 0,039\text{Habilitações Literárias(Mãe)} + 0,232\text{Idade} \\ &- 0,169\text{Género} - 0,176\text{Crédito} - 0,223\text{Poupança} \end{aligned}$$

A partir da equação, podemos observar que, por cada acréscimo unitário do rendimento, o nível de literacia financeira aumenta 0.082 e que por acréscimo unitário na idade (ano) o nível de literacia financeira aumenta 0.232.

No entanto, por cada acréscimo de unidade no género, vai influenciar de forma negativa o nível de literacia financeira em 0.169, tal como acontece na variável crédito e na variável poupança, que alteram o nível de literacia financeira em 0.176 e 0.223, respectivamente.

3.2 Medidas de combate à iliteracia financeira

Este ponto do trabalho tem como objectivo principal o de apresentar alguns planos de combate à iliteracia financeira já existentes e o de propor outras formas de educação financeira, à luz dos resultados obtidos.

A literacia financeira da população reflecte-se no conhecimento, nas atitudes e nos comportamentos, permitindo assim gerir, eficazmente, as finanças pessoais de cada um. Se juntarmos o facto dos mercados financeiros oferecerem produtos cada vez mais complexos com o baixo nível de literacia financeira detido pela maioria dos indivíduos, não será difícil de entendermos as dificuldades que estes revelam na tomada de decisões que melhor proteja os seus interesses.

Creemos que o baixo nível de literacia financeira não poderá ser ultrapassado apenas com a imposição de normas às instituições financeiras, obrigando-as à divulgação de informação. Julgamos, contudo, ser necessária a existência de uma educação financeira activa, direccionada para os cidadãos, de forma a prepará-los para a compreensão da informação prestada.

Tem sido reconhecido por vários organismos, mormente pela OCDE, na sua Recomendação de Julho de 2005, que a formação financeira é um processo que oferece aos consumidores a melhor compreensão dos produtos financeiros e a adopção de comportamentos adequados face a determinadas situações que possam surgir no dia-a-dia. No entanto, este processo deve ser perspectivado de um modo contínuo, ao longo da vida dos indivíduos e não privilegiado de modo pontual.

Também alguns autores têm apresentado algumas sugestões relativamente à temática da iliteracia.

Greenspan (2003) considera que os adolescentes devem começar, o mais cedo possível, a compreender conceitos financeiros básicos, de forma a evitar que, no futuro, quando forem jovens adultos tomem decisões financeiras erradas e que se possam tornar irreversíveis.

Já para Morgado (2009), os nossos jovens têm de aprender a gerir as suas finanças, viver de acordo com as suas possibilidades e efectuar algumas poupanças para atingir determinados objectivos futuros. É fundamental ensiná-los, desde cedo, que o dinheiro é uma ferramenta essencial para a sua vida e, por isso, é indispensável que aprendam a utiliza-lo conscientemente.

No entanto, a elaboração dos programas de educação financeira lança por si só alguns desafios, desde porque deverá ir no sentido dos interesses das populações a atingir. Para Braunstein e Welch (2002), deverão ser tidos em conta os seguintes aspectos:

- Quais são as necessidades dos grupos-alvo;
- O que é que esses grupos precisam de saber para entender de finanças pessoais, identificando objectivos e elencando comportamentos que sejam consistentes com os objectivos;
- Quando é que será oportuno expor indivíduos a informação genérica e específica sobre questões e escolhas financeiras.

Entre nós, também o Banco de Portugal partilha da opinião de que a formação financeira é um processo que proporciona aos consumidores melhor compreensão dos produtos financeiros. Enquanto entidade reguladora, cabe ao Banco de Portugal as funções de supervisão comportamental dos mercados de produtos e serviços bancários,

actuando no reforço da transparência e dos deveres de informação. O facto de esta entidade reconhecer a implicação na economia da adopção de decisões informadas e conscientes por parte dos cidadãos levou à prática de uma estratégia que assenta essencialmente na disponibilização de informação clara e actual sobre os produtos e serviços bancários bem como na promoção da formação financeira na sociedade.

A sua mais recente iniciativa foi a elaboração do Plano Nacional de Formação Financeira para o período de 2011 – 2015. Mais uma vez, é de lembrar que este Plano foi vencedor do Prémio País 2014, no passado mês de Maio, atribuído pela *Child na Youth Finance International*, tornando-se numa referência mundial no que diz respeito à formação e educação financeira da população.

Como resultado do *Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa*, publicado pelo Banco de Portugal, em 2011, no qual se evidenciam importantes lacunas na compreensão de conceitos financeiros básicos e no conhecimento das principais fontes de informação, o Banco Montepio e o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) celebraram, em Junho deste ano, um protocolo de cooperação destinado a combater a iliteracia financeira, através da facilitação do acesso a informação dedicada à Educação Financeira.

Um outro projecto recentemente criado pelo sector bancário foi o do portal “Boas Práticas, Boas Contas”¹³. Lançado pela Associação Portuguesa de Bancos (APB), apresentou como factor distintivo o facto de “apostar numa comunicação diferenciadora, baseada na ilustração”. Este é o primeiro projecto conjunto de educação financeira, criado por um grupo de trabalho do qual fizeram parte 11 bancos, entre os quais a Caixa Geral de Depósitos. Participaram também nesta iniciativa o Instituto de Formação Bancária/Instituto Superior de Gestão Bancária.

Um outro programa de educação financeira, que decorreu recentemente, foi criado a partir de uma parceria da Cáritas Portuguesa e da DECO, em Viseu. Este plano incluiu um programa de aquisição de competências no âmbito da literacia financeira, destinado a técnicos de acção social e colaboradores da Cáritas. O objectivo é o de dar aos participantes a formação necessária, que os habilite a ajudar as famílias endividadadas, ou em risco de endividamento, a gerirem de forma inteligente o seu orçamento. Assim,

¹³ Cfr. <http://www.boaspraticasboascontas.pt/> ou <http://www.bcbp.pt/>.

os técnicos poderão realizar acções de formação para as famílias que são apoiadas pela Cáritas Portuguesa ou por outras instituições similares.

A nível europeu, apontamos o projecto *Dolceta (Development of Online Consumer Education Tools for Adults)*, disponível em 21 línguas oficiais dos 27 Estados-Membros, sendo financiado pela Comissão Europeia e gerido pela *European Association for University Lifelong Learning (EUCEN)*. Um dos seus principais objectivos é o de aumentar o conhecimento e compreensão dos direitos do consumidor, através de ferramentas interactivas na Internet¹⁴. O *site* encontra-se organizado em 5 grandes áreas para o consumidor – Direitos do consumidor, Serviços, Segurança dos produtos, Consumo sustentável e Serviços financeiros

No que respeita à área Serviços Financeiros, esta inclui módulos sobre contas de depósitos à ordem, gestão do orçamento familiar, crédito à habitação, crédito ao consumo e meios de pagamento. O projecto destina-se a qualquer cidadão, existindo partes específicas destinadas a ser leccionadas em salas de aula, do pré-escolar ao ensino secundário.

O *Dolceta* pretende ser um projecto complementar, e não substituto, às iniciativas de educação do consumidor que se encontram a decorrer nos Estados-Membros da União Europeia (Habschick *et al.*, 2007).

Por tudo o que se expôs ao longo da presente dissertação, defendemos que é urgente, por um lado, criar campanhas de sensibilização/esclarecimento, dirigidas à população em geral, e por outro, promover medidas de carácter financeiro, tendo sempre presente as diversas faixas etárias e o público-alvo que se pretende atingir.

A criação de programas de educação financeira, concebidos especificamente para aumentar a literacia financeira dos consumidores, pode ser encarada de modo preventivo, procurando evitar a emergência de problemas futuros, ou enquanto solução para atenuar ou solucionar os problemas financeiros que os indivíduos e as famílias enfrentam.

¹⁴ Cfr. www.dolceta.eu.

No contexto do presente trabalho, uma das propostas a ter em conta no combate à literacia financeira será a da introdução de disciplinas de teor financeiro e de carácter obrigatório, nos programas escolares, devidamente adaptados aos diversos ciclos de estudos. No entanto, os resultados esperados só deverão ser atingidos a longo prazo, na medida em que o público-alvo se enquadra dentro de uma faixa etária muito jovem. É, no entanto, a adopção de medidas de curto prazo, que possam ter resultados mais imediatos.

Conclui-se, desta forma, que, ao invés de se esperar que seja a população a procurar este tipo de conhecimento, o importante é levá-lo até ela, incentivando a que continue o seu processo de aprendizagem, de modo a compreender toda a mecânica das ofertas existentes nos mercados financeiros.

Conclusões e Perspectivas

Esta dissertação teve como objectivos fundamentais o de avaliar o nível de literacia financeira entre os jovens que frequentam o ensino superior em Portugal e o de averiguar quais os determinantes que sustentam esse nível de literacia.

Com efeito, a iliteracia tem sido motivo de reflexão por parte de vários organismos (nacionais e internacionais), tendo sido publicados alguns estudos que revelam claramente uma preocupação crescente com o défice de conhecimento detido pela população nesta temática.

Na senda do primeiro objectivo e com base na metodologia proposta, pudemos apurar que o grupo em estudo apresenta um nível de literacia financeira que considerámos como razoável.

Para além disso, o presente trabalho permitiu concluir que a variável “Rendimento” influencia positivamente o nível de conhecimento financeiro da amostra estudada.

Relativamente à área de formação académica, concluímos que os indivíduos com formação em ciências económicas apresentam um nível maior de literacia financeira, o que demonstra a relevância da área de estudos dos inquiridos.

Quanto às habilitações literárias dos pais dos inquiridos como variável independente do nível de literacia financeira dos estudantes, podemos concluir que existe dependência entre o nível de literacia financeira e as habilitações literárias no caso da mãe, mas o mesmo já não se verifica no caso do pai. Propusemos como explicação o facto de a amostra descender de uma geração em que os homens apresentavam níveis de conhecimento mais elevados, sendo ainda mais activos no mercado laboral. Ou seja, a variável habilitações literárias da mãe pode ser considerada como factor de diferenciação na amostra em estudo.

Quanto à idade, concluímos que esta é um determinante importante para o nível de conhecimento nos estudantes universitários e que este tem uma variação positiva no modelo.

Conclui-se ainda, no presente estudo, que o género que apresenta maior nível de conhecimento financeiro é o feminino, contrariando a maioria dos estudos existentes na literatura.

Relativamente às variáveis relacionadas com a cultura e inclusão financeira, foi possível concluir que a obtenção de crédito e o facto de possuir poupanças influencia o nível de conhecimento financeiro detido pelos estudantes universitários em Portugal. Verifica-se que os indivíduos que possuem poupanças tendem a ter um grau de literacia financeira mais elevado.

Todo o trabalho de pesquisa ou investigação deve ser o mais rigoroso possível. Contudo e, como facilmente se depreende, todos os trabalhos desta natureza estão sujeitos a limitações, as quais podem dificultar – ou até mesmo condicionar – o alcance dos objectivos propostos. Assim, existiram algumas limitações inerentes ao presente trabalho de pesquisa, no decurso da sua realização, os quais passamos a apontar.

Uma das limitações resulta da criação da escala de classificação do nível de literacia financeira, que, apesar de seguir um método anteriormente utilizado quanto à sua forma de quantificação, foi construída com base em pressupostos por nós estabelecidos.

Apesar da dimensão da amostra se ter revelado satisfatória, é de referir que esta corresponde a uma ínfima parte do número existente de estudantes a frequentar o ensino superior em Portugal. Para obter uma amostra maior, seria necessário que a recolha dos questionários se realizasse não exclusivamente por via *email*.

No entanto, estas limitações não constituíram impedimento à realização desta dissertação, tendo sido possível retirar as conclusões já referidas.

Apesar da importância que este trabalho teve em termos de enriquecimento em formação e satisfação pessoal, fica-nos a certeza de que muito mais haveria para se dizer, tudo isto, aliado à sensação de que se poderia ter ido mais longe.

Creemos, contudo, que os resultados possibilitam uma reflexão em torno do nível de literacia dos jovens de hoje, sendo esta de vital importância dado que os mesmos serão os investidores de amanhã. Dado o grupo em presença, um desafio fundamental

será o de promover a motivação pela aquisição deste tipo de conhecimentos, os quais se revelam, por vezes, espúrios e fechados.

Espera-se ainda que a presente dissertação seja o germinar de novos trabalhos de investigação nesta área do conhecimento, próprios ou alheios.

Antevemos, desde já, algumas dessas possibilidades. Uma das propostas de trabalho futuro será a de alargar o presente estudo a uma amostra de maior dimensão, de forma a obter um coeficiente de determinação mais elevado. Uma outra possibilidade será a de realizar um estudo, nos mesmos moldes embora a uma população diferente, adequando as questões do respectivo questionário à população-alvo, comparando, por fim, os resultados.

Bibliografia

- Abreu, Margarida & Mendes, Victor (2006). Cultura financeira dos investidores e diversificação das carteiras, Universidade Técnica de Lisboa – Centro de Investigação sobre Economia Portuguesa (CISEP), WP n.º 11/2006/DE/CISEP.
- Alves, J. F. da Silva (2012). A (I)literacia Financeira da População: Estudo de caso para uma produção do Norte de Portugal, dissertação de Mestrado em Contabilidade e Finanças, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, 143 pp.
- Ansong, Abraham (2011). Level of knowledge in personal finance by university freshmen business students. *African Journal of Business Management*, 5(22): 8933 – 8940.
- Atkinson, A., McKay, S., Kempson, E. & Collard, S. (2006). *Levels of Financial Capability in the UK – Results of a base line survey*, Financial Services Authority.
- Banco de Portugal. (2011). Relatório do Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa: 2010. *Banco de Portugal, Eurosistema*, Lisboa. Disponível em: www.bportugal.pt (acedido ao longo da realização da dissertação).
- Bernheim, B. Douglas & Garret, Daniel M. (2001). Education and saving: The long-term effects of high school financial curriculum mandates. *Journal of Public Economics*. 80(3), 435–465.
- Braunstein, S. & C. Welch (2002)., Financial Literacy - An Overview of Practice, Research and Policy. *Federal Reserve Bulletin*, Novembro 2002: 445-457.
- Chen, H. & Volpe R. P. (1998). An Analysis of Personal Financial Literacy Among College Students, *Financial Services Review*, 7(2): 107–128.
- Coleman, Susan (2003). Risk tolerance and the investment behavior of Black and Hispanic heads of house hold, *Financial Counseling and Planning*, 14(2), 43-52.
- Couto, F. M. G. (2013). Literacia Financeira e Empreendedorismo em Portugal, dissertação de Mestrado em Finanças, Faculdade de Economia do Porto, 75pp.
- Demirel, Engin & Gunay, Suleyman (2011). Financial Risk Taking Behavior Comparisons between Two Different Countries Based on Demographic Factors: Turkey and Macedonia Case, *Middle Eastern Finance and Economics*. 10, 111 – 120.

- Emmons, W. (2005). Consumer-finance myths and other obstacles to financial literacy, Supervisory Policy Analysis Working Paper, Federal Reserve Bank of St. Louis, 31 pp.
- Faff, Robert et al. (2003). An empirical investigation of investor risk tolerance, *Financial Services Review*. 13, 57 – 78.
- Freire, S.F.R (2012). Os atributos do investidor que explicam a sua propensão face ao risco na alocação das suas poupanças, dissertação em Mestrado de Contabilidade e Finanças, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 75pp.
- Goldberg, Steven (1995). Yes, but how do you feel about this investment?, *Kiplinger Personal Finance Magazine*. 1, 68 – 71.
- Grable, J. & Joo, S. (1997). Determinants of risk preference: Implications for family and consumers science professionals, *Family Economics and Resource Management Biennial*. 2, 19 – 24.
- Greenspan, A. (2003). Financial Education, Remarks, 33rd Annual Legislative Conference of the Congressional Black Caucus, Washington D.C.
- Giraldi, Janaina de Moura, Miranda, Raissa Alvares de Matos & Montanari, Maria Gabriela (2014). Uma comparação quantitativa entre dois índices de competitividade. *Globalizacion, Competitividad y Gobernabilidad*, 8 (2.07): 121-136.
- Grifoni, A. & Messy, F. (2012). Current Status of National Strategies for financial Education: A Comparative Analysis and Relevant Practices, *OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions*, No. 16, OECD Publishing.
- Grimes, P., Millea, M., & Thomas, M. (2010). Testing the Economic Literacy of K-12 Teachers: A State- Wide Baseline Analysis. *American Secondary Education*, 38(3), 4-20.
- Habschick, M., Seidl, B & Evers, J. (2007). Survey of financial literacy schemes in the EU27, Financial Services Evers & Young, Hamburg, 108 pp.
- Halek, Martin & Eisenhauer, Joseph (2001). Demography of Risk Aversion, *The Journal of Risk and Insurance*. 68, 1–24.
- Hanna, Sherman, Gutter, M. S. & Fan, J. X (2001). A measure of risk tolerance based on economic theory, *Proceedings of the Academy of Financial Services*. 12 (2), 10 – 11.

- Hasan, Nurfadhilah Abu, Mohamed, Ramesh Kumar Moona, Sabri, Mior Ahmad Jafri & Shaari, Noor Azizah (2013). Financial Literacy: A study among the university students. *Interdisciplinary Journal of Contemporary Research in Business*, 5 (2): 279-299.
- Henriques, S.C.M. (2010). Aspectos da literacia financeira dos portugueses. Um estudo empírico, dissertação de Mestrado de Economia e Auditoria, Universidade de Aveiro, 255 pp.
- Hill, Andrew & Hill, Manuela Magalhães (2009). *Investigação por Questionário*. Lisboa: edições Sílabo.
- Hogarth, Jeanne (2006). Financial Education and Economic Development, Presented at the G8 International Conference on Improving Financial Literacy, November 29, 2006, Moscow, Russian Federation.
- Huston, S. J. (2010). Measuring Financial Literacy, *The Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 296-316.
- Koshal, R., Gupta, A., Goyal, A., & Choudhary, V. (2008). Assessing Economic Literacy of Indian MBA Students. *American Journal of Business*, 23(2), 43-51.
- Lusardi, Annamaria (2008). Financial Literacy: An Essential Tool for Informed Consumer Choice? Joint Center for Housing Studies Harvard University, 29 pp.
- Lusardi, Annamaria & Mitchell, Olivia (2009). How ordinary consumers make complex economic decisions: Financial literacy and retirement readiness. *NBER Working Paper No. 15350*, 37 pp.
- Lusardi, Annamaria & Mitchell, Olivia (2006), Financial Literacy and Planning: Implications for Retirement Wellbeing, MMRC Working Paper n. 2006, pp 33.
- Lusardi, Annamaria & Mitchell, Olivia (2007), Financial Literacy and Retirement Preparedness. Evidence and Implications for Financial Education, *Business Economics*, January 2007, pp. 35–44.
- Lusardi, Annamaria & Mitchell, Olivia (2008). How Much Do People Know About Economics and Finance?, *Financial Illiteracy and the Importance of Financial Education*. 5: 1-6.
- Lusardi A., Mitchell, O. S. & Curto, V. (2010). Financial Literacy among the Young: Evidence and Implications for Consumer Policy.
- Mandell, L. & Klein, L. S. (2009). The Impact of Financial Literacy Education on Subsequent Financial Behavior, Association for Financial Counseling and Planning Education, pp. 15-24.

- Mandell, L. & Klein, L.S. (2007). Motivation and financial literacy, *Financial Services Review*, 16, pp. 105-116.
- Manton, E. J., English, D. E., Avar, S., & Walker, J. (2006). What college freshmen admit to not knowing about personal finance. *Journal of College Teaching and Learning*, 3(1), 12. Retrieved from
- Monticone, C. (2010). How Much Does Wealth Matter in the Acquisition of Financial Literacy, *The Journal of Consumer Affairs*, 44 (2), 403-422.
- Morgado, J. A. F. (2009). Começar cedo – a educação financeira nas escolas. Conferência Internacional de Educação Financeira – Perspectivas para Portugal. SEFIN MyMoney - <http://www.mymoney.gov> (acedido ao longo da realização da dissertação)
- Murray, Scott, Kirsch, Irwin & Jenkins, Lynn (1997). Adult literacy in OECD countries: Technical report on the first International Adult Literacy Survey. National Center for Education Statistics. Washington.
- Nogueira, H.M. F (2012). Nível de literacia financeira dos portugueses: medição através de um índice e principais determinantes, dissertação de Mestrado de Finanças, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, 130pp.
- Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) (2005), *Improving financial literacy: Analysis of issues and policies*, Paris.
- Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) (2005), *Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness*. Recommendation on principles and good practices for financial education awareness.
- Pang, M.F. (2010). Boosting financial literacy: benefits from learning study. *Instructional Science*, 38(6), 659-677.
- Rajamohan, R. R. (2005). An empirical study on the impact of financial knowledge on household portfolio. Indian Institute of Capital Markets 9th Capital Markets Conference.

- Reumund, D.L. (2010). Financial Literacy Explicated: The Case for a Clear Definition in an Increasingly Complex Economy. *Journal of Consumer Affairs*, 44 (Summer): 276-295.
- Rivlin, A. (1999). On Economic Literacy. *The Region, Presented by the Vice Chair of Board of Governors of the Federal Reserve System at the Economic Literacy Symposium*, 13 (2), 14-17.
- Quelhas, A. P. (2010). *Seguros de Vida e Fundos de Pensões – uma perspectiva financeira e actuarial*. Coimbra: edições Almedina.
- Quelhas, A. P. (2001). *A Refundação do Papel do Estado nas Políticas Sociais*. Coimbra: edições Almedina.
- Santos, E. F. L (2012). Determinantes da literacia económica e financeira, dissertação de Mestrado em Economia, Universidade de Aveiro, 110 pp.
- Santos, V. B. M. (2010). Determinantes da literacia financeira dos portugueses face às opções de crédito, dissertação de Mestrado em Gestão, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 70pp.
- Schagen, S. (1997).The evaluation of Natwest Face 2 Face with Finance, National Foundation for Educational Research;
- Shiple, C., & Shetty, S. (2008). Factors Affecting Economic Literacy of College Students: some additional evidence. *Journal of Economics and Economic Education Research*, 9(1), 13-18.
- Soper, J., & Brenneke, J. (1981).The Test of Economic Literacy and an Evaluation of the DEEP System. *The Journal of Economic Education*, 12(2), 1-14.
- Volpe, R. e K. Mumaw (2010).Financial literacy and the subprime mort age crisis, *Journal of Business and Accounting*, 2(1), 17-31.
- Wang, Alex (2011).Younger Generations’ Investing Behaviors in Mutual Funds: Does Gender Matter?,*The Journal of Wealth Management*. 13, 13 – 2.
- Walstad, W. B., & Rebeck, K. (2002).Assessing the economic knowledge and economic opinions of adults. *Quarterly Review of Economics and Finance*, 42(5), 921-935.

- Walstad, William & Rebeck, Ken (2002). Assessing the Economic knowledge and Economic Opinions of Adults, *The Quarterly Review of Economic and Finance, Elsevier*. 42, 921 – 935.
- Walstad, W., & Rebeck, Ken (1999). How Does Economic Education Impact Economic Literacy?. *Region (10453369)*, 13(2), 18.
- Wood, W. C., & Doyle, J. M. (2002). Economic Literacy among Corporate Employees. *Journal of Economic Education*, 33(3), 195-205.

Apêndices

APÊNDICE 1

Carta de Apresentação

Ex.mos Senhores

O meu nome é Vânia Pires e sou aluna do mestrado em Análise Financeira, leccionado no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra, do Instituto Politécnico de Coimbra. Neste momento, encontro-me no 2.º ano do curso, estando a elaborar a dissertação subordinada ao tema “A Literacia Financeira nos Jovens Universitários em Portugal”, sob orientação da professora Ana Paula Quelhas.

O objectivo dessa dissertação é o de avaliar o nível de conhecimentos financeiros detido pelos jovens que actualmente frequentam o ensino superior em Portugal, nas diversas áreas de formação. Na direcção do objectivo proposto, elaborámos o questionário em anexo, o qual se compõe por 19 questões distribuídas por três grupos, referentes, respectivamente ao perfil, aos hábitos financeiros e à cultura financeira do respondente.

Para o lançamento deste questionário, necessitamos da vossa melhor colaboração. Nesse sentido, solicitamos a V. Exas. que o referido questionário seja remetido para os estudantes que frequentam a vossa instituição de ensino superior.

O preenchimento do questionário tomará apenas cerca de dez a quinze minutos, sendo, porém, determinante para a concretização deste projecto.

As respostas são, necessariamente, anónimas e tratadas de modo confidencial e agregado.

Agradeço desde já toda a atenção dispensada na leitura deste pedido.

Renovando o meu agradecimento, subscrevo-me com os meus melhores cumprimentos,

Vânia Pires

Apêndice 2

Lista de Escolas de Ensino Superior

Ensino Superior Público Universitário
ISCTE
Universidade dos Açores - Angra do Heroísmo
Universidade dos Açores - Ponta Delgada
Universidade do Algarve
Universidade do Algarve - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade do Algarve - Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade do Algarve - Faculdade de Economia
Universidade de Aveiro
Universidade da Beira Interior
Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade de Coimbra - Faculdade de Direito
Universidade de Coimbra - Faculdade de Economia
Universidade de Coimbra - Faculdade de Farmácia
Universidade de Coimbra - Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra - Faculdade de Medicina
Universidade de Coimbra - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Évora - Escola de Artes
Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais
Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia
Universidade de Lisboa
Universidade de Lisboa - Faculdade de Arquitectura
Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas-Artes
Universidade de Lisboa - Faculdade de Ciências
Universidade de Lisboa - Faculdade de Direito
Universidade de Lisboa - Faculdade de Farmácia
Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa - Faculdade de Medicina
Universidade de Lisboa - Faculdade de Medicina Dentária
Universidade de Lisboa - Faculdade de Medicina Veterinária
Universidade de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana
Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia
Universidade de Lisboa - Instituto de Educação
Universidade de Lisboa - Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
Universidade de Lisboa - Instituto Superior de Agronomia
Universidade de Lisboa - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Universidade de Lisboa - Instituto Superior de Economia e Gestão
Universidade de Lisboa - Instituto Superior Técnico
Universidade de Lisboa - Instituto Superior Técnico (Taguspark)

Universidade da Madeira
Universidade do Minho
Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Médicas
Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Direito
Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Economia
Universidade Nova de Lisboa - Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação
Universidade do Porto - Faculdade de Arquitectura
Universidade do Porto - Faculdade de Belas-Artes
Universidade do Porto - Faculdade de Ciências
Universidade do Porto - Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação
Universidade do Porto - Faculdade de Desporto
Universidade do Porto - Faculdade de Direito
Universidade do Porto - Faculdade de Economia
Universidade do Porto - Faculdade de Engenharia
Universidade do Porto - Faculdade de Farmácia
Universidade do Porto - Faculdade de Letras
Universidade do Porto - Faculdade de Medicina
Universidade do Porto - Faculdade de Medicina Dentária
Universidade do Porto - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto - Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Escola de Ciências e Tecnologia

Ensino Superior Público Politécnico
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra
Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril
Escola Superior Náutica Infante D. Henrique
Instituto Politécnico de Beja - Escola Superior Agrária
Instituto Politécnico de Beja - Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Beja - Escola Superior de Saúde
Instituto Politécnico de Beja - Escola Superior de Tecnologia e de Gestão
Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior Agrária de Bragança
Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Comunicação, Administração e
Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação de Bragança
Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Saúde de Bragança
Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Tecnologia e de Gestão de Bragança
Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior Agrária de Castelo Branco
Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo

Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Educação de Castelo Branco
Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Gestão de Idanha-a-Nova
Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias
Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Tecnologia de Castelo Branco
Instituto Politécnico do Cávado e do Ave - Escola Superior de Gestão
Instituto Politécnico do Cávado e do Ave - Escola Superior de Tecnologia
Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior Agrária de Coimbra
Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação de Coimbra
Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Oliveira do hospital
Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra
Instituto Politécnico de Coimbra - Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra
Instituto Politécnico de Coimbra - Instituto Superior de Engenharia de Coimbra
Instituto Politécnico da Guarda - Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto
Instituto Politécnico da Guarda - Escola Superior de Saúde da Guarda
Instituto Politécnico da Guarda - Escola Superior de Tecnologia e Gestão
Instituto Politécnico da Guarda - Escola Superior de Turismo e Hotelaria
Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha
Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Saúde de Leiria
Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Tecnologia e Gestão
Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche
Instituto Politécnico de Lisboa
Instituto Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Comunicação Social
Instituto Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Dança
Instituto Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Educação de Lisboa
Instituto Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Música
Instituto Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Teatro e Cinema
Instituto Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa
Instituto Politécnico de Lisboa - Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa
Instituto Politécnico de Lisboa - Instituto Superior de Engenharia de Lisboa
Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior Agrária
Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Saúde
Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Tecnologia e Gestão
Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Educação

Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão
Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo
Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras
Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto
Instituto Politécnico do Porto - Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Instituto Politécnico do Porto - Instituto Superior de Engenharia do Porto
Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior Agrária de Santarém
Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Desporto de Rio Maior
Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Educação de Santarém
Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Gestão e Tecnologia de Santarém
Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Saúde de Santarém
Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Ciências Empresariais
Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Saúde
Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Tecnologia do Barreiro
Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Tecnologia de Setúbal
Instituto Politécnico de Tomar - Escola Superior de Gestão de Tomar
Instituto Politécnico de Tomar - Escola Superior de Tecnologia de Abrantes
Instituto Politécnico de Tomar - Escola Superior de Tecnologia de Tomar
Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior Agrária
Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Ciências Empresariais
Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Desporto e Lazer de Melgaço
Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Saúde
Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Tecnologia e Gestão
Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior Agrária de Viseu
Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Educação de Viseu
Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Saúde de Viseu
Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego
Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu
Universidade dos Açores - Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo
Universidade dos Açores - Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada
Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação e Comunicação
Universidade do Algarve - Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo
Universidade do Algarve - Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo (Portimão)
Universidade do Algarve - Escola Superior de Saúde
Universidade do Algarve - Instituto Superior de Engenharia
Universidade de Aveiro - Escola Superior de Design, Gestão e Tecnologias da Produção de Aveiro-Norte
Universidade de Aveiro - Escola Superior de Saúde de Aveiro

Universidade de Aveiro - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda
Universidade de Aveiro - Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Aveiro
Universidade de Évora - Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus
Universidade do Minho - Escola Superior de Enfermagem
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Escola Superior de Enfermagem de Vila Real

APÊNDICE 3

Nível de Literacia nos Estudantes Universitários em Portugal

No âmbito da preparação da minha dissertação de Mestrado em Análise Financeira do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra sobre “O nível de literacia nos estudantes universitários em Portugal”, venho solicitar a sua cooperação através do preenchimento do presente questionário.

Este encontra-se dividido em três partes, a primeira com perguntas gerais de caracterização para tentar perceber que influências poderão ter havido nas respostas dadas e a segunda e terceira com perguntas relacionadas com a temática em estudo.

A informação fornecida por cada pessoa é estritamente confidencial, não havendo lugar à identificação de quem respondeu.

O questionário foi concebido de forma a ser preenchido de forma simples e breve, devendo o seu preenchimento demorar aproximadamente 10 minutos. Agradecemos desde já a sua cooperação neste projecto.

*Obrigatório

Perfil

Ao responder, solicitamos que assinale a opção que julgar mais correta ou apropriada em relação a cada uma das perguntas.

Indique a sua idade: *

- Entre 18 e 23 anos
- Entre 24 e 29 anos
- Entre 30 e 35 anos
- Outra:

Indique o seu género: *

- Feminino
- Masculino

Está deslocado da sua residência inicial? *

- Sim
- Não

Indique o seu Distrito de Residência (antes de ingressar no Ensino Superior) *

.

É trabalhador-estudante? *

- Sim
- Não

Indique a área do seu Curso: *

- Ciências Sociais e Humanas
- Ciências Empresariais
- Ciências Exactas, da Vida e Tecnologia

Indique o seu Grau de Ensino: *

- Licenciatura
- Mestrado

Indique o número de anos que frequenta no Ensino Superior: *

Indique o número de pessoas que compõem o seu agregado familiar: *

Indique o rendimento mensal disponível do agregado familiar: *

- Sem rendimento
- Até €499,00
- Entre €500,00 e €999,00
- Entre €1.000,00 e €1.999,00
- Acima de €2.000,00

Indique as habilitações literárias dos seus pais: (Pai) *

- Sem instrução primária
- Possui instrução primária (4º ano)
- Possui ensino médio (5º ano ao 12º ano)
- Possui Licenciatura
- Possui Pós-Graduação/Mestrado/Doutoramento

Indique as habilitações literárias dos seus pais: (Mãe) *

- Sem instrução primária
- Possui instrução primária (4º ano)
- Possui ensino médio (5º ano ao 12º ano)
- Possui Licenciatura
- Possui Pós-Graduação/Mestrado/Doutoramento

Hábitos Financeiros

Assinale os produtos financeiros dos quais é titular: *

- Conta Depósito à Ordem
- Conta Depósito a Prazo
- Fundo de Investimento
- Cartão de Débito
- Cartão de Crédito
- Ações
- Obrigações
- PPR
- Outra:

Alguma vez recorreu a crédito bancário? *

- Sim
- Não

Se sim, qual o tipo de crédito?

- Crédito à habitação
- Crédito ao consumo
- Crédito Automóvel
- Cartão de Crédito
- Descoberto Bancário Negociado
- Outra:

Possui algumas poupanças que lhe permitam cobrir as suas despesas no caso de haver alguma emergência? *

- Sim
- Não

Cultura Financeira

Na maioria dos empréstimos à habitação, a taxa de juro paga ao banco é indexada a uma taxa de referência, que normalmente é a “Euribor”. *

Esta taxa...

- É definida pelo Banco de Portugal
- É definida pelo Banco Central Europeu
- Resulta dos empréstimos realizados entre um conjunto de bancos europeus
- Não sei

O que é o Spread? *

- É a taxa de juro total que o seu banco lhe cobra pelos empréstimos
- É o acréscimo que o seu banco estabelece, face a uma taxa de juro de referência, que pode variar de cliente para cliente
- É o acréscimo que o seu banco estabelece, face a uma taxa de juro de referência, que é igual para todos os clientes
- Não sei

Se um depósito a prazo tiver uma taxa de juro de 3% e a inflação for de 4%, considera que obteve rendimento positivo da sua poupança? *

- Sim
- Não
- Não sei

Classifique, na escala de 1 a 3, as seguintes aplicações financeiras por grau de risco, relativamente a reaver o dinheiro investido. *

(1. Risco Baixo; 2. Risco Médio; 3. Risco Elevado)

	1. Risco Baixo	2. Risco Médio	3. Risco Elevado	Não Sei
1. Acções	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Obrigações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Certificados de Aforro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Fundos de Investimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Fundos de Acções	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Planos de Poupança Reforma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Depósitos a Prazo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se aplicar 1000€ durante dois anos, à taxa efectiva anual de 5%, qual a quantia que poderá levantar daqui por dois anos: *

- €1.050,00
- €1.100,00
- €1.102,50
- €1.150,00

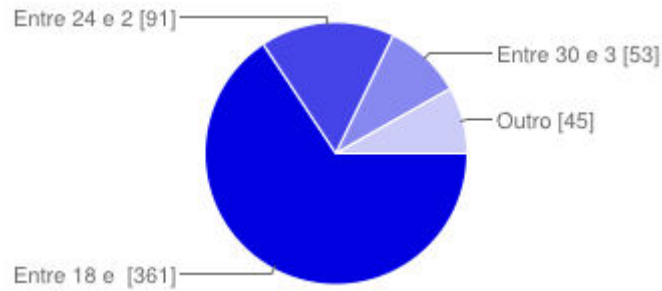
Muito Obrigada pela sua Colaboração

APÊNDICE 4

Resumo de respostas ao questionário

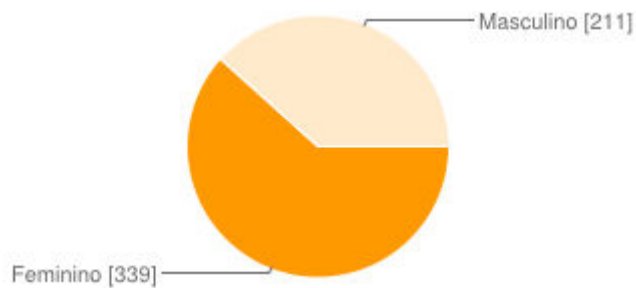
- Perfil

Indique a sua idade:



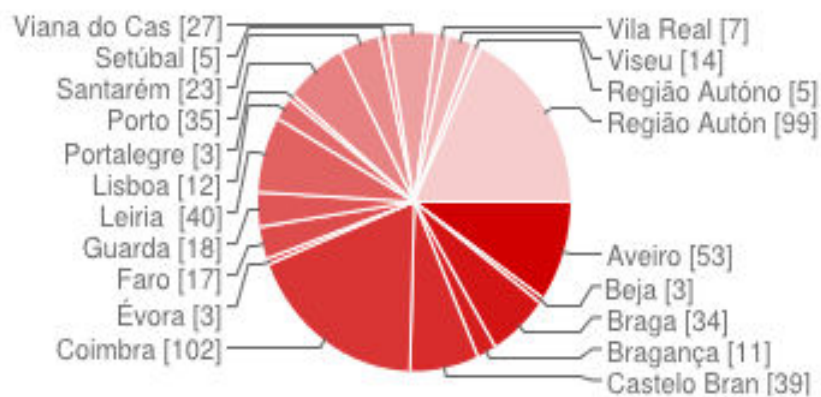
De 18 e 23 anos	361	66%
Entre 24 e 29 anos	91	16%
Entre 30 e 35anos	53	10%
Mais de 36 anos	45	8%

Indique o seu género:



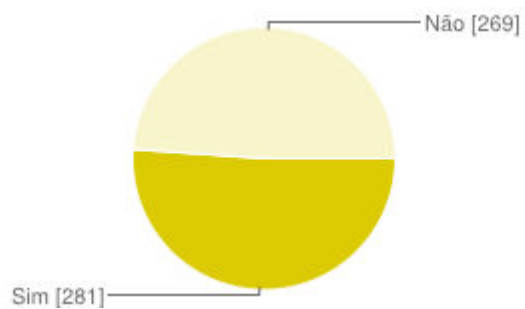
Feminino	339	62%
Masculino	211	38%

Indique o seu Distrito de Residência (antes de ingressar no Ensino Superior):



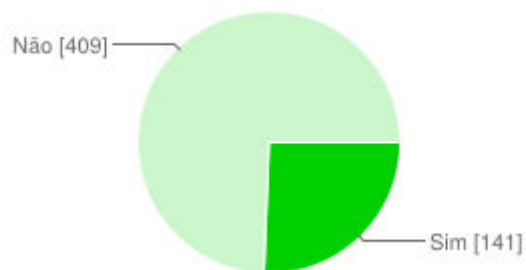
Aveiro	53	10%
Beja	3	1%
Braga	34	6%
Bragança	11	2%
Castelo Branco	39	7%
Coimbra	102	19%
Évora	3	1%
Faro	17	3%
Guarda	18	3%
Leiria	40	7%
Lisboa	12	2%
Portalegre	3	1%
Porto	35	6%
Santarém	23	4%
Setúbal	5	1%
Viana do Castelo	27	5%
Vila Real	7	1%
Viseu	14	2%
Região Autónoma dos Açores	5	1%
Região Autónoma da Madeira	99	18%

Está deslocado da sua residência inicial?



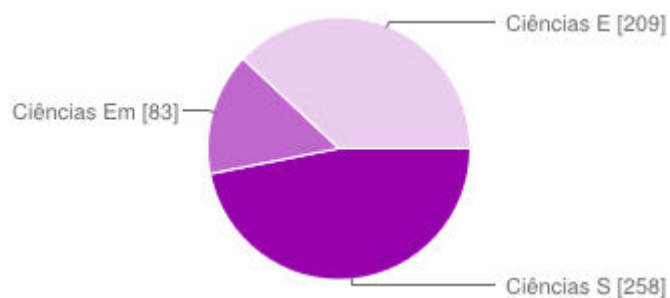
Sim	281	51%
Não	269	49%

É trabalhador-estudante?



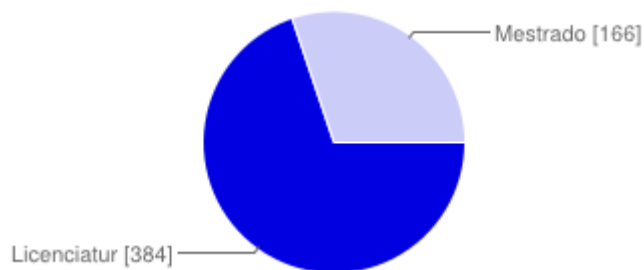
Sim	141	26%
Não	409	74%

Indique a área do seu Curso:



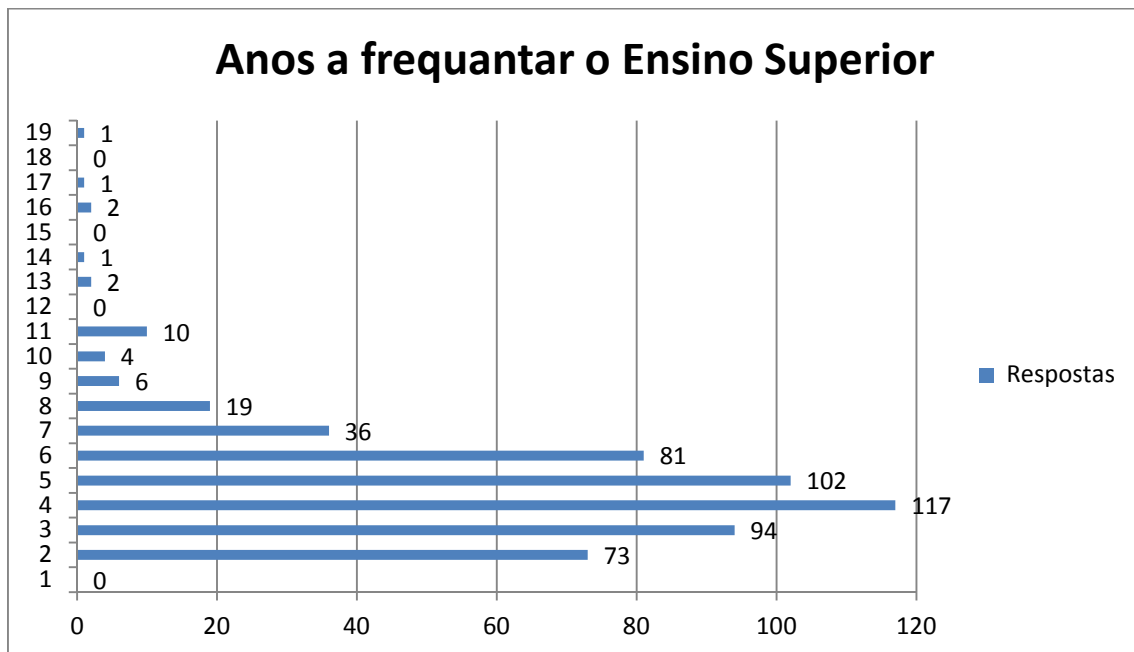
Ciências Sociais e Humanas	258	47%
Ciências Empresariais	83	15%
Ciências Exactas, da Vida e Tecnologia	209	38%

Indique o seu Grau de Ensino:

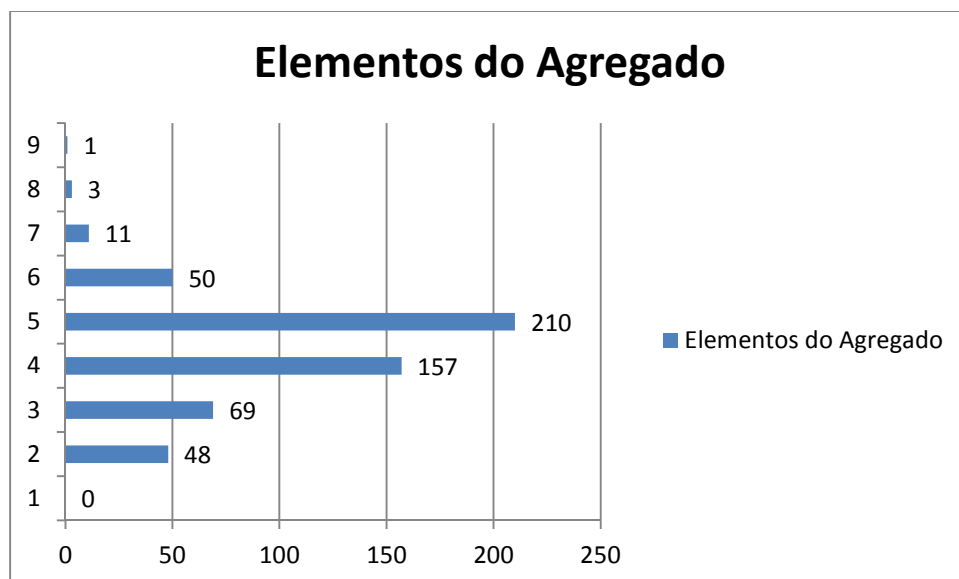


Licenciatura	384	70%
Mestrado	166	30%

Indique o número de anos que frequenta no Ensino Superior:



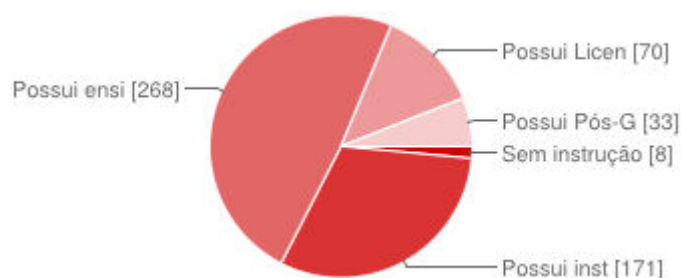
Indique o número de pessoas que compõem o seu agregado familiar:



Indique o rendimento mensal disponível do agregado familiar:

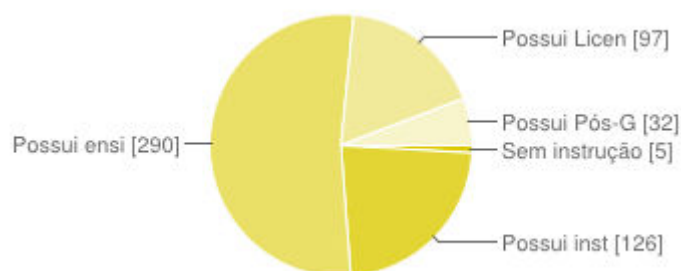
Sem rendimento	13	2%
Até €499,00	62	11%
Entre €500,00 e €999,00	207	38%
Entre €1.000,00 e €1.999,00	186	34%
Acima de €2.000,00	82	15%

Indique as habilitações literárias dos seus pais (Pai):



Sem instrução primária	8	1%
Possui instrução primária (4º ano)	171	31%
Possui ensino médio (5º ano ao 12º ano)	268	49%
Possui Licenciatura	70	13%
Possui Pós-Graduação/Mestrado/Doutoramento	33	6%

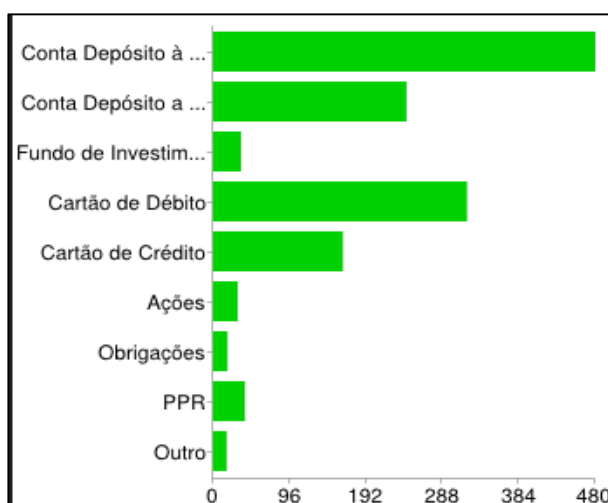
Indique as habilitações literárias dos seus pais (Mãe):



Sem instrução primária	5	1%
Possui instrução primária (4º ano)	126	23%
Possui ensino médio (5º ano ao 12º ano)	290	53%
Possui Licenciatura	97	18%
Possui Pós-Graduação/Mestrado/Doutoramento	32	6%

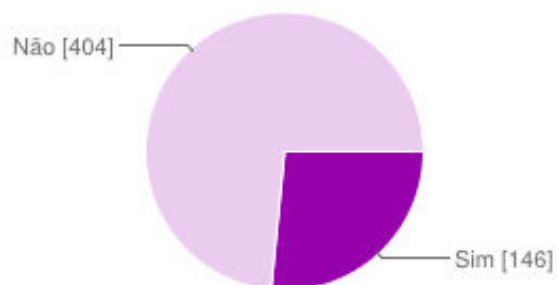
- **Hábitos Financeiros**

Assinale os produtos financeiros dos quais é titular:



Conta Depósito à Ordem	480	87%
Conta Depósito a Prazo	243	44%
Fundo de Investimento	35	6%
Cartão de Débito	319	58%
Cartão de Crédito	163	30%
Ações	31	6%
Obrigações	18	3%
PPR	40	7%
Outro	17	3%

Alguma vez recorreu a crédito bancário?

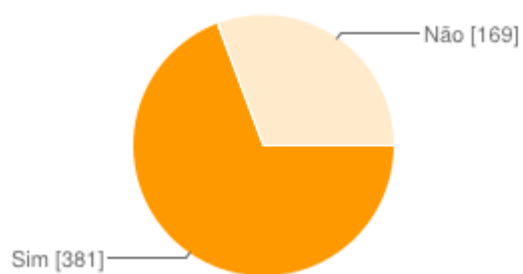


Sim	146	27%
Não	404	73%

Se sim, qual o tipo de crédito?

	77	14%
Crédito ao consumo	44	8%
Crédito Automóvel	38	7%
Cartão de Crédito	84	15%
Descoberto Bancário Negociado	16	3%
Outro	186	34%

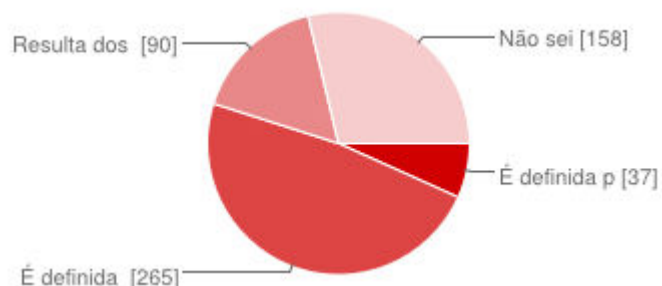
Possui algumas poupanças que lhe permitam cobrir as suas despesas no caso de haver alguma emergência?



Sim	381	69%
Não	169	31%

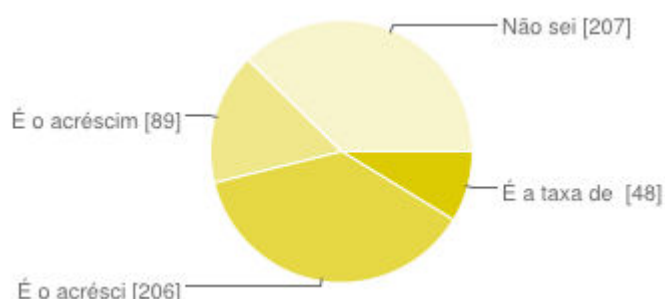
- **Cultura Financeira**

Na maioria dos empréstimos à habitação, a taxa de juro paga ao banco é indexada a uma taxa de referência, que normalmente é a “Euribor”.



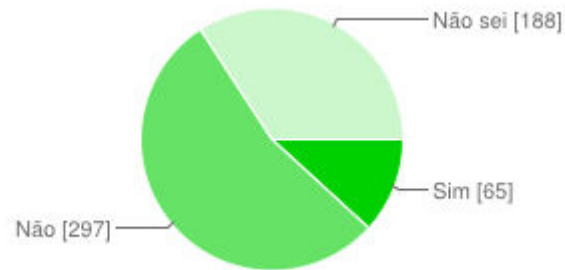
É definida pelo Banco de Portugal	37	7%
É definida pelo Banco Central Europeu	265	48%
Resulta dos empréstimos realizados entre um conjunto de bancos europeus	90	16%
Não sei	158	29%

O que é o Spread?



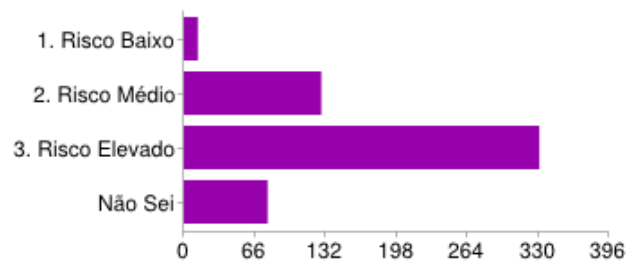
É a taxa de juro total que o seu banco lhe cobra pelos empréstimos	48	9%
É o acréscimo que o seu banco estabelece, face a uma taxa de juro de referência, que pode variar de cliente para cliente	206	37%
É o acréscimo que o seu banco estabelece, face a uma taxa de juro de referência, que é igual para todos os clientes	89	16%
Não sei	207	38%

Se um depósito a prazo tiver uma taxa de juro de 3% e a inflação for de 4%, considera que obteve rendimento positivo da sua poupança?



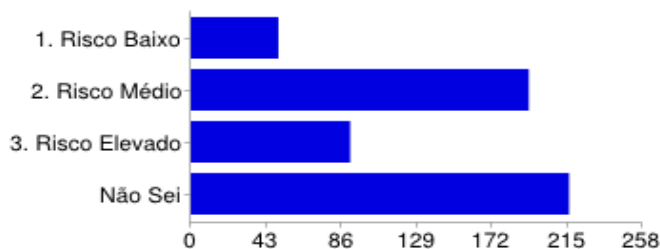
Sim	65	12%
Não	297	54%
Não sei	188	34%

1. Acções [Classifique, na escala de 1 a 3, as seguintes aplicações financeiras por grau de risco, relativamente a reaver o dinheiro investido.]



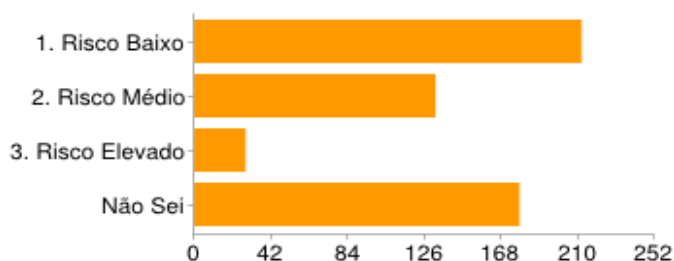
1. Risco Baixo	13	2%
2. Risco Médio	128	24%
3. Risco Elevado	331	60%
Não Sei	78	14%

2. Obrigações [Classifique, na escala de 1 a 3, as seguintes aplicações financeiras por grau de risco, relativamente a reaver o dinheiro investido.]



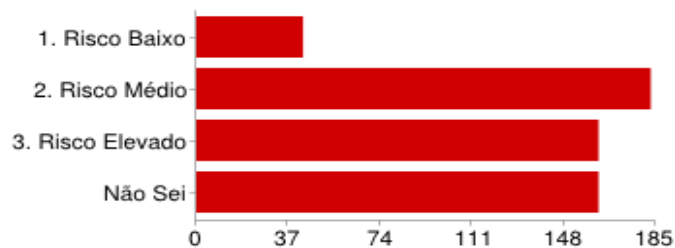
1. Risco Baixo	50	9%
2. Risco Médio	193	35%
3. Risco Elevado	91	17%
Não Sei	216	39%

3. Certificados de Aforro [Classifique, na escala de 1 a 3, as seguintes aplicações financeiras por grau de risco, relativamente a reaver o dinheiro investido.]



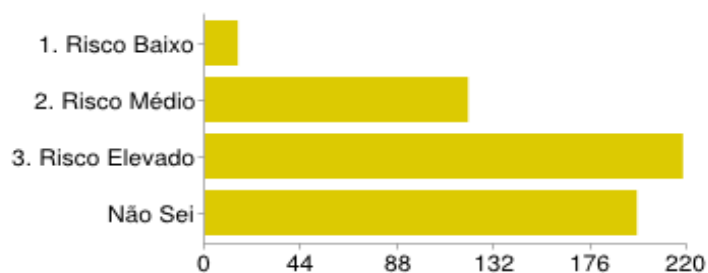
1. Risco Baixo	212	39%
2. Risco Médio	132	24%
3. Risco Elevado	28	5%
Não Sei	178	32%

4. Fundos de Investimento [Classifique, na escala de 1 a 3, as seguintes aplicações financeiras por grau de risco, relativamente a reaver o dinheiro investido.]



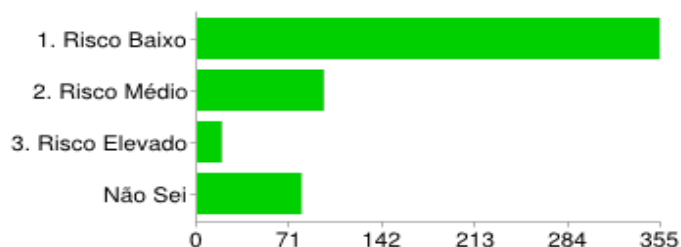
1. Risco Baixo	43	8%
2. Risco Médio	183	34%
3. Risco Elevado	162	29%
Não Sei	162	29%

5. Fundos de Ações [Classifique, na escala de 1 a 3, as seguintes aplicações financeiras por grau de risco, relativamente a reaver o dinheiro investido.]



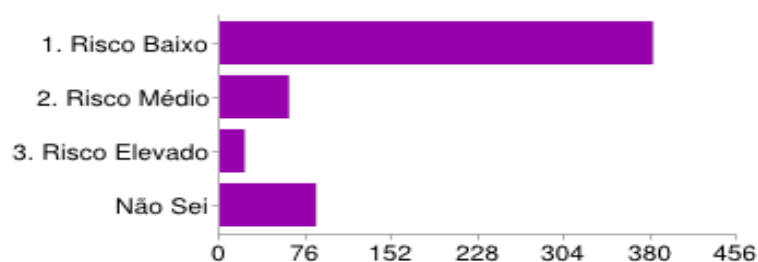
1. Risco Baixo	15	3%
2. Risco Médio	120	22%
3. Risco Elevado	218	40%
Não Sei	197	35%

6. Planos de Poupança Reforma [Classifique, na escala de 1 a 3, as seguintes aplicações financeiras por grau de risco, relativamente a reaver o dinheiro investido.]



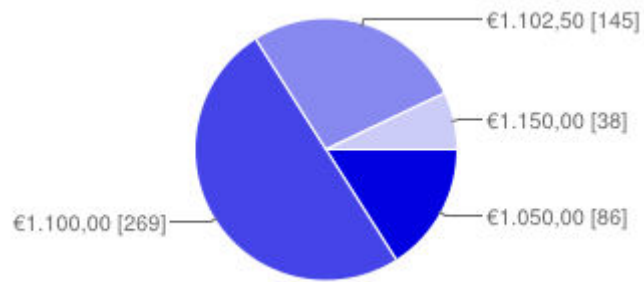
1. Risco Baixo	354	64%
2. Risco Médio	97	18%
3. Risco Elevado	19	3%
Não Sei	80	15%

7. Depósitos a Prazo [Classifique, na escala de 1 a 3, as seguintes aplicações financeiras por grau de risco, relativamente a reaver o dinheiro investido.]



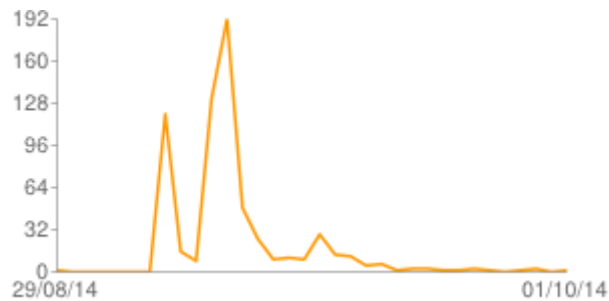
1. Risco Baixo	382	69%
2. Risco Médio	61	12%
3. Risco Elevado	22	4%
Não Sei	85	15%

Se aplicar 1000€ durante dois anos, à taxa efectiva anual de 5%, qual a quantia que poderá levantar daqui por dois anos:



€1.050,00	86	16%
€1.100,00	269	49%
€1.102,50	145	26%
€1.150,00	38	7%

- **Número de respostas diárias**



APÊNDICE 5

Testes

Não é possível analisar as correlações de um conjunto de variáveis por meio de uma análise factorial quando as variáveis não estão correlacionadas.

De forma a analisar se os dados do modelo podem ser submetidos ao processo de análise factorial, foi realizado a técnica estatística o teste KMO.

KMO and Bartlett's Test		
Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,630
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	681,662
	df	36
	Sig.	,000

Escala KMO	Análise de Componentes Principais
1-0,9	Muito Boa
0,8 - 0,9	Boa
0,7 - 0,8	Média
0,6 - 0,7	Razoável
0,5 - 0,6	Má
<0,5	Inaceitável

- **Teste de Colinearidade**

Coefficients ^a			
Model		Collinearity Statistics	
		Tolerance	VIF
Nível	(Constant)		
	Rendimento	,792	1,263
	Area	,943	1,060
	Hab Pai	,623	1,606
	Hab Mae	,599	1,668
	Idade	,699	1,431
	Genero	,922	1,084
	Credito	,736	1,358
	Poupança	,938	1,066

a. Dependent Variable: Nível

Quando os valores de VIF são superiores a 4 e quanto mais distante estiver o valor de *Tolerance* de 1, maior é a colinearidade entre as variáveis.

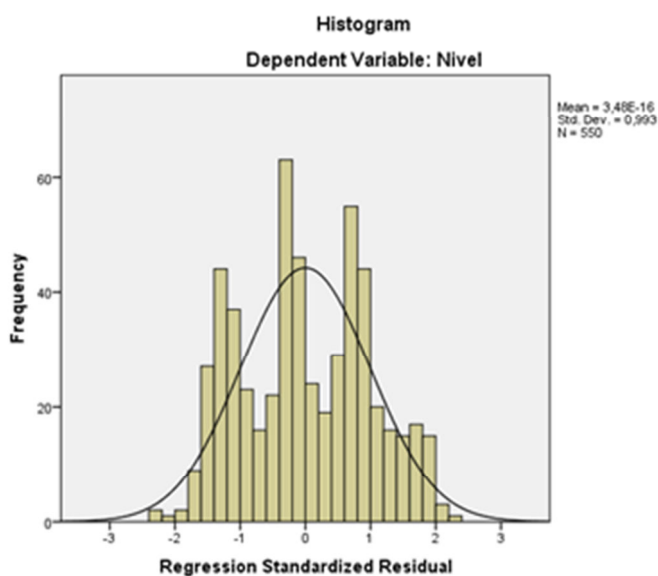
Como em todas as variáveis o valor VIF (*Variance inflation factor*) são inferiores a 5 e todos os valores referentes ao *Tolerance* (grau) são próximos de 1, então conclui-se que não existem problemas de colinearidade.

- **Teste da normalidade da distribuição dos resíduos**

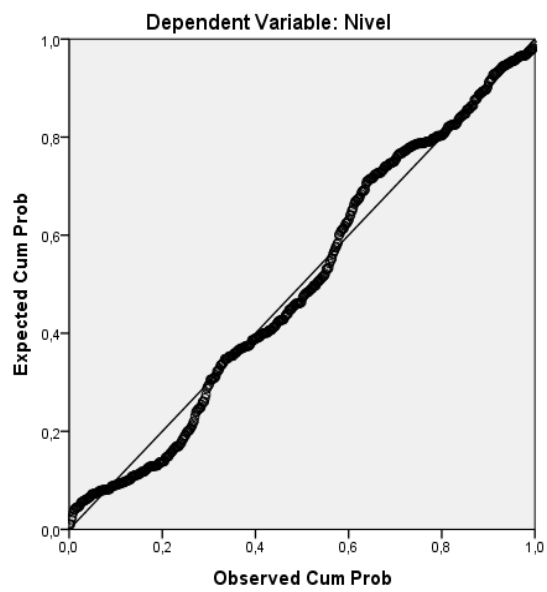
Tests of Normality						
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Unstandardized Residual	,073	550	,000	,974	550	,000

A análise da normalidade dos resíduos através do Teste K-S, conclui que o modelo falha este pressuposto (p-value < 0.05)

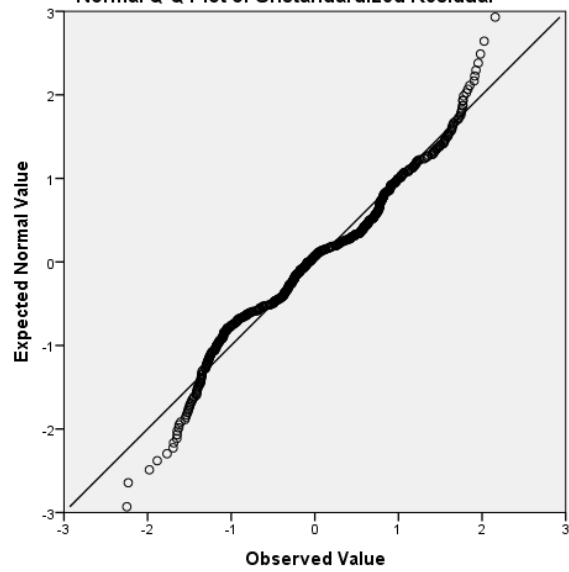
No entanto, pela observação dos gráficos a seguir apresentados, a conclusão obtida pelo teste K-S não se verifica, uma vez que o histograma dos resíduos apresenta a forma que a normalidade dos resíduos deve apresentas e nos gráficos P-P Plot e Q-Q Plot as observações se encontram na recta ou próximas dela. Então, aceitamos a premissa da normalidade.



Normal P-P Plot of Regression Standardized Residual



Normal Q-Q Plot of Unstandardized Residual



- **Teste da homogeneidade de variância dos resíduos**

Test of Homogeneity of Variances			
Unstandardized Residual			
Levene Statistic	df1	df2	Sig.
9,461	3	546	,000

Para ser verificada a condição de homogeneidade de variância dos resíduos pelo teste de *Levene*, o *p-value* obtido teria de ser superior a 0.05.

Uma vez que o *p-value* observado através do Teste de *Levene* é inferior ao nível de significância (0.05), então rejeitamos a premissa da homogeneidade da variância dos resíduos.

- **Teste de Independência dos resíduos**

• Model Summary^b					
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,350 ^a	,122	,109	,967255442	1,975

a. Predictors: (Constant), Poupança, Idade, Area, Hab Pai, Genero, Rendimento, Credito, Hab Mae

b. Dependent Variable: Nivel

O teste utilizado para testar a independência dos resíduos, também designada por autocorrelação, foi testada a partir da estatística d de Durbin – Watson, na tabela acima apresentada. Uma vez que o valor d é próximo de 2 (d=1,975), não há evidência de autocorrelação dos resíduos.

APÊNDICE 6

Relação entre variáveis

- Relação entre o nível de literacia financeira dos inquiridos com a faixa etária:

Idade							
Entre 18 e 23 anos				Entre 24 e 29 anos			
Nível				Nível			
Mau	Razoável	Bom	Muito Bom	Mau	Razoável	Bom	Muito Bom
102	114	101	44	18	25	31	17
28%	32%	28%	12%	20%	27%	34%	19%
Total de inquiridos			361	Total de inquiridos			91

Idade							
Entre 30 e 35 anos				Outra			
Nível				Nível			
Mau	Razoável	Bom	Muito Bom	Mau	Razoável	Bom	Muito Bom
4	9	25	15	2	10	14	19
8%	17%	47%	28%	4%	22%	31%	42%
Total de inquiridos			53	Total de inquiridos			45

- **Relação entre o nível de literacia financeira dos inquiridos com a área de formação:**

Área de Formação											
Ciências Empresariais				Ciências Sociais e Humanas				Ciências Sociais, Exactas e da Vida			
Nível				Nível				Nível			
Mau	Razoável	Bom	Muito Bom	Mau	Razoável	Bom	Muito Bom	Mau	Razoável	Bom	Muito Bom
8	18	36	21	64	87	63	44	54	53	72	30
10%	22%	43%	25%	25%	34%	24%	17%	26%	25%	34%	14%
Total de inquiridos			83	Total de inquiridos			258	Total de inquiridos			209

- **Relação entre o nível de literacia financeira dos inquiridos com o género:**

Nível							
Mau		Razoável		Bom		Muito Bom	
Género		Género		Género		Género	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
36	90	58	100	75	96	43	52
13%	32%	20%	35%	28%	36%	16%	20%
Total de inquiridos			284	Total de inquiridos			266

- **Relação entre o nível de literacia financeira dos inquiridos com o recurso ao crédito:**

Nível							
Mau		Razoável		Bom		Muito Bom	
Crédito		Crédito		Crédito		Crédito	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
27	99	26	132	47	124	46	49

10%	35%	9%	46%	18%	47%	17%	18%
Total de inquiridos			284	Total de inquiridos			266

- **Relação entre o nível de literacia financeira dos inquiridos com a poupança:**

Nível							
Mau		Razoável		Bom		Muito Bom	
Poupança		Poupança		Poupança		Poupança	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
74	52	110	48	125	46	72	23
26%	18%	39%	17%	47%	17%	27%	9%
Total de inquiridos			284	Total de inquiridos			266